

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

NUNO PEREIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil

Entrevistado - Nuno Alvares Pereira (NP)

Entrevistadores - Tania Fernandes (TF), Fernando Dumas e Lina Rodrigues

Data – 28/08/1996 e 27/11/1996

Local – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 3h21min

Responsável pelo sumário - Carlos Henrique Assunção Paiva

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PEREIRA, Nuno Álvares. *Nuno Álvares Pereira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 56p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Comenta a formação e as atividades profissionais de seu pai; sua mudança e a infância no bairro de Irajá; as atividades na farmácia do pai; a entrada nas faculdades de Farmácia e de Medicina; o curso de Farmácia e suas primeiras atividades profissionais; a entrada e as atividades no Instituto Oswaldo Cruz (IOC); a tese de Livre-Docência e a orientação de Haity Moussatché; a saída do IOC; a biblioteca do IOC.

Fita 1 - Lado B

A educação básica e seus estudos no Colégio Pedro II; a rotina em Vicente Carvalho; as atividades como professor de Farmacologia na antiga Escola de Medicina (UERJ); a relação entre a Farmácia e a Química; sua opção de trabalhar com produtos naturais.

Fita 2 - Lado A

Referência à sua tese para concurso de titular; os meios de transporte para Manguinhos; as mudanças no currículo do curso de Farmácia, a atividade como professor de Farmacodinâmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e seu relacionamento com Paulo Sollero; sua posse como diretor do Centro de Ciências Biomédicas da UFRJ; o programa que fez para o curso de “Plantas tóxicas e medicinais” para o mestrado em Botânica do Museu Nacional; o trabalho como professor e orientador de teses no Museu Nacional; as atividades no doutorado em Botânica do Museu Nacional; a relação entre a Química, Farmácia, Botânica e Medicina; o campo de trabalho com plantas medicinais; a pesquisa com a pervinca para o tratamento da leucemia; a relação da pesquisa acadêmica com a medicina popular e suas pesquisas com plantas anti-ofídicas.

Fita2 - Lado B

As plantas e substâncias químicas anti-ofídicas e o uso terapêutico de plantas.

Fita 3 - Lado A

Comenta pesquisas de Haity Moussatché com plantas anti-ofídicas e com alcalóides com pacientes de Alzheimer; sobre o medicamento Específico Pessoa; as teses e pesquisas com plantas anti-ofídicas; a pesquisa de Vital Brasil com plantas anti-ofídicas; as dificuldades com pesquisa de plantas anti-ofídicas; a relação da FIOCRUZ com pesquisas com plantas anti-ofídicas atualmente e a política de patentes; a criação do Núcleo de Pesquisa de Produtos Naturais (NPPN).

Fita 3 - Lado B

A relação da universidade com a iniciativa privada e a prestação de serviços pagos; os congressos e simpósios de plantas medicinais no país; o trabalho de síntese de substâncias; o

congresso de plantas medicinais realizado em Florianópolis; o impacto da legislação de patentes na comunidade acadêmica.

Fita 4 - Lado A

As patentes de produtos naturais; a farmacopéia; o trabalho do prof. Delby Fernandes na Universidade Federal da Paraíba e na de Tocantins; o Instituto de Antibióticos de Pernambuco; o uso da penicilina; o pioneirismo na ciência do Instituto Oswaldo Cruz e sua relação com o prof. Haity Moussatché.

Data: 28/08/1996

Entrevistadores: Tania Fernandes (TF) e Fernando Dumas

Fita 1 – Lado A

TF - Entrevista com o Professor Nuno Alvares Pereira, 28 de agosto de 1996, para Casa de Oswaldo Cruz, feita por Tania Fernandes e Lina.

TF - Bem, professor, vamos começar hoje a nossa entrevista. Eu gostaria que o senhor falasse desde a sua infância, suas memórias... a sua memória familiar. Que o senhor narrasse (inaudível).

NP - Bom, eu sou filho de um farmacêutico. Formado em Coimbra que, em virtude de divergências políticas entre Portugal e Brasil, ele teve que repetir o curso aqui. Então ele costumava dizer que era “bifarmacêutico”. Farmacêutico por Coimbra e farmacêutico pelo curso de Farmácia, anexo à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Então, ele falava dos professores que ele conheceu aqui e falava dos professores que ele conheceu lá. Lógico que quando eu comecei a entender as coisas eu já tinha mais ou menos 6 anos e ele tinha uma farmácia em Haddock Lobo, na Rua Haddock Lobo, que naquela época era uma rua perto da Praça Saens Peña, que naquela época era portão vermelho, quer dizer, depois do portão vermelho, porque depois do portão vermelho tinha a Muda. Então, eu tive uma vida já dentro das drogas, dentro de drogas porque a farmácia, do meu pai... Meu pai gostava de fazer coisas...

TF - Farmácia comercial ou farmácia de manipulação?

NP - Não existia naquela época farmácia de manipulação. As farmácias faziam tudo, manipulação e vendiam medicamentos da prateleira, que naquela época não eram muitos porque a indústria farmacêutica no Brasil tinham poucos laboratórios que fabricavam o produto. Então, a maioria, um grande número de produtos eram importados e naturalmente tinha representante aqui, distribuidor, mudavam o rótulo, tudo direitinho. Mas a farmácia era uma farmácia considerada boa na época, e lógico, vivia na Rua Haddock Lobo e eu estava acostumado a ver o bonde passar, o bonde elétrico passar, “aquele troço todo,” isso aí... a minha infância foi mais ou menos assim. Meu pai gostava de fazer coisas, digamos assim, resolveu fazer um produto que na época se chamava Mercúrio doce que era usado para tratamento de bicheira do gado. Isso aí, meu avô já tinha esse produto, mas por problema de família, “aquele troço todo”, existia patente, não sei lá o quê! Então papai resolveu... que ele não era tolo, ele sabia fazer; então ele resolveu fazer o dele. E isso era feito nos fundos da farmácia e tinha uma operação para fazer os calomelanos ou cloreto mercurioso que consistia em tratar o mercúrio vivo, metálico, o ácido nítrico e dava... vapores fumegantes de protóxido de nitrogênio que era relativamente tóxico. Isso aí tinha que ser feito com muito cuidado, porque ele fazia isso nos fundos da farmácia. Um dia de acidente, que não havia ventilação, não havia nada, isso é um pouco cômico, mas foi um problema em que resultou uma modificação nos desejos de meu pai. Ele fazia isso sob encomenda. Quem encomendava, fornecia o mercúrio, fornecia o ácido nítrico, ele fazia e esse mercúrio era colocado em caixinhas de madeira e eu ajudava a pregar, fazer os preguinhos... Hoje se encomendaria já,

já viria a embalagem pronta, naquela época tudo era feito pelo fabricante, as caixinhas de madeira muito bonitinhas, aquele “troço todo.” Tinha caixinha para 100 gramas, 250 gramas, isso aí era tudo feito nos fundos da farmácia, numa espécie de uma área que tinha. Numa dessas reações que ele fez, o protóxido de nitrogênio ficou dentro, não se evaporou logo; lógico, houve um acidente, matou uma meia dúzia de galinhas que estava no galinheiro (risos) e o macaco da vizinha lá em cima, também passou mal, aquele “troço todo”. Então ele viu que não podia continuar fazendo aquilo ali. Nisso, isso aí é uma coisa que eu estou até levantando agora, ele soube que a Associação Pró-Melhoramentos de Irajá, vocês devem conhecer Irajá hoje, um subúrbio carioca, falado, aquele “troço todo,” não por causa do Cemitério do Irajá, naquela época só se conhecia pelo Cemitério do Irajá. Nessa época, ele... a Associação Brasileira de Farmacêutica recebeu uma solicitação da... algum colega ou algum sócio da seção queria fundar, abrir uma farmácia lá que era uma necessidade na época. Tinha essa outra aí na Rio D’Ouro, que vocês ouviram falar, mas não sabem, que da Rio D’Ouro, essa linha foi construída exatamente para cuidar do primeiro abastecimento da cidade do Rio de Janeiro, a água de... da represa do rio D’Ouro. Então... e a linha ficou, de uma maneira mais ou menos precária, mas ficou, trem de 4 em 4 horas, aquele “troço todo.” Mas, na frente da farmácia que ele depois instalou em Irajá, atendendo a solicitação, ele pensava ali, nos fundos da farmácia fazer sem muito risco aquelas travessuras que ele fazia na Rua Haddock Lobo e, na verdade, ele nunca conseguiu instalar lá para fazer. Problema sozinho... aquele “troço todo” ... que a farmácia na Haddock Lobo, a gente morava nos fundos da farmácia; lá a farmácia era separada, morava numa casa há uns 500 metros da farmácia, então essas coisas dificultavam um pouco, digamos assim. E tinha...

TF - Vocês se mudaram da Haddock Lobo para o Irajá?

NP - É, fomos todos...

TF - E a farmácia foi junto.

NP - Não, a farmácia...ele desfez-se da farmácia, vendeu a farmácia. Agora por exemplo...

TF - Na Haddock Lobo.

NP - ... é uma casa de móveis, de vez em quando eu passo por lá para ver: “puxa! Depois de farmácia passou para um depósito de móveis...”. Mas isso aí é interessante, porque na frente tinha o dono do jogo do bicho na Tijuca, até lá tem ainda, agora tem um clube lá, o Clube Português ainda... a frente tem até um pavão, ninguém sabe porque aquele gradil tem um pavão. Porque ali morava o bicheiro, o bicheiro morava ali. Eu não sei o nome dele, nessa época eu estava dizendo... eu estava completando 6 anos e lá passava bonde de burro, na época era bonde de burro. Então, nossa travessura, eu e meu irmão, era botar areia no trilho do bonde de burro para o burrinho parar, o burrinho não conseguia; então depois o motorneiro dizendo uma série de palavrões saía, aquele “troço todo...,” tirava a areia e prosseguia.

TF - Isso em Irajá?

NP - Isso em Irajá. Depois ele teve necessidade de ver que ali não faria o que ele queria, comprou uma farmácia que tinha sido fechada em Vicente de Carvalho que é a estação

adiante. Agora estão sendo falados que o pré-Metrô já passou de Vicente de Carvalho, já foi a Irajá e já está em Coelho Neto. Mas a estação de Vicente de Carvalho, por exemplo, chegou a ser destruída, digamos assim, antes de ser inaugurada. Agora parece que... qualquer dia eu vou fazer esse trajeto para ver como é que ficou. E Vicente de Carvalho, sim, Vicente de Carvalho ele conseguiu retornar a fabricação do famoso calomelanos ou mercúrio doce, marca Zebu; do meu avô era Boi, ele resolveu fazer um outro boi, mas a marca dele era Zebu. Mas, essa curiosidade dele, de fazer coisas “...vamos extrair ácido cítrico do limão...”. Então, essas coisas assim, eu consegui... me fez viver nas coisas do meu pai, as idéias dele e, lógico e evidente, com 8 anos eu já trabalhava na farmácia. Trabalhava lá fazendo os pacotes de permanganato, aquele varejo de farmácia, naquela época, (inaudível) Rosas, a Benjoim Mirra e tudo isso eu era encarregado, de fazer os pacotinhos, fazer o varejo e, lógico, depois eu fui tomando obrigações maiores e, normalmente eu fazia essas coisas entre um exercício do colégio e outro... e essas obrigações. Mas eu tinha... Meu irmão era um pouco levado, então meu pai logo botou ele num colégio interno, foi para o colégio interno e eu fiquei lá com ele e... sempre tive idéia de fazer pesquisa. O problema do meu pai era fazer pesquisa e essa atividade que eu tive na farmácia do meu pai foi interessante porque um dia chegou um fiscal do Ministério de Trabalho e disse: “o que que esse menino está fazendo aí?” “Ah, é meu filho...” “Ele está inscrito como empregado?” “Não, não está inscrito” “Ah, tem que inscrever”. Aí meu pai, meio aborrecido pegou o livro e botou lá, casa, comida e roupa lavada e 60 mil réis por mês. Vocês vão dizer: “mas ele te pagava?” Não, não pagava, lógico e evidente, ele pagava os meus estudos, mas não pagava... Mas foi interessante como foi importante isso, porque eu consegui me aposentar, a primeira vez, com 49 anos, porque com 14 anos eu me inscrevi no livro, mais 35, deu 49. Então, eu sou legalmente aposentado com 49 anos que, cá para nós, eu acho que o atual ministro tem razão, eu era tão jovem que resolvi fazer outras coisas, lógico e evidente, resolvi fazer outras coisas e consegui... Então eu fiz o meu estudo no [Colégio] Pedro II, depois fiz a Faculdade de Farmácia para tentar ajudar e meu irmão, naquela malandragem dele. Quando chegou na época de fazer vestibular ele ficou “faz, não faz”, então fui obrigado a fazer novamente vestibular de Medicina para quase que obrigar o meu irmão. Então eu fui colega dele de Medicina e do Max Nunes também, que Max Nunes é o mais conhecido. Eu, Max Nunes, meu irmão e outros foram colegas...

TF - Depois que o senhor acabou Farmácia, o senhor fez Medicina...

NP - É, eu fiz Farmácia primeiro e depois eu fiz Medicina, com a idéia de empurrar o meu irmão. Nisso ele foi convocado, foi convocado e eu tive obrigação de ficar dizendo o que é que os professores estavam dando na medicina em cirurgia e com isso, chegando lá pelas “tantas,” eu já estava mais um pouquinho... eu terminava o curso. Então eu terminei o curso de médico. Eu costumo dizer aos amigos: “eu sou formado em Medicina, eu não sou médico”; que eu nunca cliniquei porque na verdade o meu objetivo foi preencher uma lacuna que existia naquela época no curso de Farmácia. Mas, continuei estudando. Meu pai...

TF - Lacuna, como é que o senhor explica isso?

NP - O curso de Farmácia era bastante deficiente, já naquela época; já foi montado com 12 disciplinas, aquele “troço todo...,” pegava um pouquinho das disciplinas da Medicina, que saíram da Medicina para Farmácia e então... não tinha, por exemplo, farmacologia. Como é que... eu perguntava para o meu pai “Papai, como é que isso atua?” “Ah, não sei, pega a

farmacopéia para ver se tem lá”. A farmacopéia nunca tem esses “troços”, então eu nunca sabia como; então eu ficava na dúvida. Eu preciso aprender uma coisa que é estudar o mecanismo de ação das substâncias. Com isso eu verifiquei que tinha que fazer Medicina, aí fiz Medicina e fiquei contente, porque Medicina tinha, aprendi fisiologia, histologia, farmacologia e eu sou professor de farmacologia, exatamente porque o professor Paulo de Carvalho gostou do meu interesse pela disciplina e me convidou para trabalhar com ele, eu fui trabalhar com ele. Nisso, o laboratório na indústria que eu trabalhava teve a necessidade de fazer coisas novas. Era um laboratório nacional, embora fosse de propriedade de um francês, mas era um laboratório nacional. Então ele queria ser diferente no laboratório e eu fui para lá e esse aí, assim foi quase como meu pai, tinha mania de fazer coisas. Essa mania de fazer coisas fez com que eu tivesse um aprendizado muito bom sobre coisas de botânica, de química, isso aí... porque nós fizemos hormônio de crescimento, nós fizemos insulina... mas foram bastantes produtos que o senhor (Lau) inventava que devia ser feito e não ia para adiante por causa de problemas de instalações, aquele “troço todo” ... Então não ia para adiante. Mas eu continuava com aquele meu sonho de ir para Manguinhos [Fiocruz]... e naquela época não existia, como hoje, que a pessoa arranja uma bolsa e vai trabalhar com alguém, não tem, naquela época não tinha essa possibilidade. O único pistolão que eu tinha como possibilidade de arranjar para eu ir trabalhar em Manguinhos era o carpinteiro – chefe de Manguinhos, quer dizer, era um pistolão muito pequeno para isso, embora todo mundo gostasse dele, esse italiano que era conhecido da minha tia em Olaria, mas era pouco como pistolão. Então, resolvi um dia, naquela época, fazer um concurso. Naquela época havia muito concurso do (DARP?). Então eu fiz um concurso para laboratorista auxiliar do Instituto Oswaldo Cruz [IOC/ Fiocruz] e entrei, passei no concurso e entrei.

TF - O que é laboratorista auxiliar? Esse é cargo superior?

NP - Hein?

TF - Esse era o cargo de nível superior?

NP - Não, não, não, era um cargo. Depois que eu entrei, quando fui trabalhar que eu vi que era o nome de servente (risos). Na carreira laboratorista auxiliar consegui... Lógico e evidente que eu tive a sorte de trabalhar com o professor Gilberto Vilela e Gilberto Vilela percebeu, eu já estava terminando o curso de Farmácia, percebeu que eu não ia ser um servente. Então eu passei a auxiliar a professora Isabel de Melo nas cirurgias animais, o professor Gilberto Vilela em algumas... naquela época era a época do extrato anti-tóxico do fígado, então, ele me encarregou de fazer o extrato anti-tóxico do fígado, e fiquei... mas depois o curso de Medicina atrapalhou e eu falei com o professor Gilberto Vilela: “olha professor, eu não vou poder continuar porque o curso de Medicina está atrapalhando as coisas e eu tenho que”... Aí pedi dispensa do Instituto... aliás, não pedi dispensa, foi um erro porque... ... foi um erro eu não pedir dispensa. Então isso aí teve um problema de abandono de trabalho, aquele “troço todo”, mas isso não deu em nada. Conheci, foi o meu primeiro contato com o Instituto Oswaldo Cruz, como servente do Instituto Oswaldo Cruz. Isso aí depois, naturalmente, laboratório industrial eu tive um problema de dosagem, estava começando a ser feita a vitamina B-12, como nós vamos dosar a vitamina B-12? Então, uma das técnicas de dosar a vitamina B-12 era usando um microorganismo, *Aeroglena garcilis*, que é uma alga que a gente não sabe se ela é animal ou vegetal, porque ela tem pontinhos vermelhos e tem clorofila,

então o pessoal resolveu chamar de um euglenóide, que é um ser entre vegetal e animal. Bom, com isso eu conheci o colega Gilberto lá em Manguinhos e comecei a trabalhar com isso; até publicamos um trabalho, em reuniões, publicamos um trabalho. Aí eu conheci o Moussatché, então me transformei em um afilhado do dr. Haity Moussatché. Esse aí... e vão dizer... e você foi cassado? Não, não fui cassado simplesmente porque eu freqüentava o laboratório, não constava de relação nenhuma! “O que o senhor faz aí?” “Não, eu trabalho...” Se eu constasse da relação de funcionário como o colega de turma que foi para a Parasitologia e arranjou ser indicado como pesquisador, ele foi cassado, eu... (inaudível)

TF - O seu vínculo com Manguinhos era, como o senhor falou, como servente, depois passou...

NP - Eu freqüentava... logo depois, havia problema...você precisa... já trabalhava na Medicina e Cirurgia com o Professor Paulo Carvalho. O professor Paulo Carvalho queria preparar alguém para substituí-lo. Então, naquela época, não tinha cursos de mestrado e doutorado, então eu tive que fazer livre docência. Fiz a livre docência, então tive que fazer uma tese. Então a minha tese, a primeira tese foi feita no Instituto Oswaldo Cruz no laboratório do dr. Haity Moussatché e eu tenho uma lembrança muito boa, que quando eu falo isso, o pessoal ri das coisas como eram. Ao lado do laboratório do professor Moussatché, trabalhava o Professor Miguel Osório e ficava lá fechado, fazendo uns cálculos que ele fazia de Matemática, de vez em quando eu sabia e ... aí começava a perguntar a gente: “Menino, o que você está fazendo aí...” a gente dava uma explicação rápida; ...trabalhando com coração isolado ou destino isolado, então ele dava uma informação, o professor Miguel Osório... Aí queria saber a opinião dele, lógico e evidente, a gente começando assim a fazer pesquisa e o professor Miguel Osório... “Professor, o que o senhor acha?” “Menino, pergunta à rã” (risos). Ele estava preocupado com outras coisas e ia... Então, esse “negócio,” o pessoal acha muita graça e na verdade era uma coisa muito importante, para mim foi importante, exatamente porque nós tínhamos alguma afinidade; eu e o professor Miguel Osório gostávamos do Brucutu¹. Ele lia as tiras do Brucutu e eu também lia as tiras do Brucutu. Isso era mais ou menos... Agora, a diferença intelectual entre o professor Miguel Osório e eu era muito grande. Bom, então eu freqüentei o Instituto Oswaldo Cruz muito tempo, trabalhando assim, colaborando, mas nunca fui funcionário, o interessante é isso, eu sou ... nem sei porque você está me perguntando, porque o pessoal diz: “E o Nuno?” Bom, o Nuno, lógico e evidente, eu convivi naquele núcleo, na parte de Biologia, tão perto do Miguel Osório, perto do Moussatché, perto do Mário Viana, perto do professor Travassos. O professor Travassos, acho que pouca gente deve conhecer essa faceta, ele aparecia nos sábados que era os dias também que eu aparecia no Instituto Oswaldo Cruz [IOC], que estava tudo sossegado. Então ele aparecia nos sábados para matar urubu... Mas matar urubu? Era porque ele estava fazendo Parasitologia, então estava vendo quais os parasitas que tinha no urubu. Que aquela época ali, o aterro ali, “aquele troço todo”, então tinha urubu e ele ficava dando aqueles tiros, pum! ... e a gente aí ... “está aí o Professor Travassos matando urubu”. Então ele ficava matando urubu, aquele “troço todo.” Então o relacionamento, é lógico, o laboratório dele era mais em cima e aparecia lá, então, certas pessoas que eu fiquei conhecendo e eu tive um grato prazer quando foi da minha defesa de livre docência, quem era o examinador? O professor Gilberto Freitas, que eu tinha trabalhado no laboratório como servente. O nome era laboratorista

¹ BRUCUTU - Tira em quadrinho de jornais diários.

auxiliar, mas na verdade era servente e ele reparou que eu não era um simples servente. Lógico e evidente, quando eu passei a freqüentar o Instituto eu encontrava muito o professor Gilberto Freitas. A parte cômica, quando ele foi... Vilela Freitas, o professor Gilberto Vilela, a parte cômica é que quando ele foi tesoureiro da Academia Brasileira de Ciências, ele só tinha coragem de me cobrar, só a mim que ele cobrava, era um tesoureiro que não tinha coragem de cobrar ninguém, mas a mim ele tinha intimidade, digamos assim, me cobrava e, lógico e evidente... Mas ele tem uma deferência muito especial na minha defesa de livre docência, porque ele reconheceu que eu tinha trabalhado com ele, isso foi importante eu começar como servente e estava ali fazendo uma livre docência. Na defesa do concurso para titular da Medicina e Cirurgia ele já não estava mais na banca; mas estava ele, o Otávio Martins, o Otávio Martins que era do laboratório ao lado, aquele “troço todo”, sempre achando que não tinha gente perfeita “(inaudível) que é um iniciante, um principiante...” A minha tese que tinha dado uma trabalhadeira danada, fui obrigado a fazer hipofisectomia, aprender hipofisectomia, uma porção de coisas, mas ele achou que era... Lógico e evidente, eu fui fazer uma tese hormonal, sendo examinado pelo professor Miguel Osório, lógico e evidente, para ele aquilo ali era pouco, mas para mim foi muito porque eu fiz aos sábados, freqüentando o Instituto aos sábados com o dr. Moussatché, que foi meu orientador nessa época.

TF - O Moussatché foi orientador da sua tese de livre docência?

NP - Naquela época não tinha orientador, não tinha essa idéia de orientador. Livre docência o sujeito fazia, fazia. Lógico, eu posso considerar que ele foi o meu segundo pai, porque ele foi um exemplo para a minha vida. Meu pai foi o exemplo inicial e ele foi a pessoa que me estimulou, sempre acreditou em mim e tal; e eu senti muito quando da injustiça que aconteceu com ele, quando ele foi passado e eu sobrei porque simplesmente ele não tinha ... eu não podia mesmo pertencer ao quadro do Instituto Oswaldo Cruz. Eu freqüentei... eu fazia parte da turma subversiva que freqüentava o Instituto Oswaldo Cruz aos sábados. Você vai dizer: “Por que aos sábados?” Porque quando a gente tinha que comemorar alguma coisa era ao sábado. Vatapá era aos sábados, feijoada era aos sábados e, lógico, nesse dia a gente não trabalhava, porque afinal de contas tinha que comer o vatapá ou tinha... Para comemorar a minha livre docência, naturalmente, foi vatapá. Eu tive que arranjar camarão da Bahia, aquele “troço todo,” para ser feito um vatapá de acordo. A única coisa que eu fiz foi misturar e provar para ver se estava... se o sal estava de acordo, digamos assim. Então... eu tenho assim, uma espécie de um amor, porque eu sonhava pertencer ao Instituto Oswaldo Cruz. Eu saí exatamente na época, na hora que eu não devia ter saído porque logo depois houve concurso para o Curso de Manguinhos e eu já não estava mais lá; porque esse concurso para o Curso de Manguinhos, os funcionários que já tinham titulação podiam fazer, então eu teria ficado em Manguinhos como funcionário. Aí seria cassado, (risos) provavelmente. Mas eu não fiz, já estava fazendo Medicina...

TF - Só as pessoas que estavam com algum tipo de vínculo com o Instituto é que faziam esse concurso?

NP - Faziam o quê?

TF - Esse concurso.

NP - Eles fizeram uma facilidade. O curso ficou fechado muito tempo, o curso de especialização do Instituto Oswaldo Cruz, ficou fechado muito tempo. Quando eles reabriram, eles permitiram que funcionários do Instituto que fossem já... que tivessem grau superior, Farmácia, Medicina... pudessem se inscrever e, lógico e evidente, houve uma facilidade na seleção, tinha muitas vagas na (inaudível) de seleção e, provavelmente eu teria feito o curso. Como eu já era funcionário, era capaz de ser promovido de servente para pesquisador ou coisa parecida (risos). Então em vez de auxiliar de laboratório, técnico de laboratório. A escala depois era técnico de laboratório. Eu convivi nessa fase muito boa do Instituto Oswaldo Cruz. Aquele refeitório, lógico e evidente, eu fazia refeição com os funcionários, mas tinha um grupinho de funcionários que estava no Instituto Oswaldo Cruz e aquilo era interessante porque eles conversavam o que acontecia nos laboratórios dele e eu sabia mais ou menos o que acontecia nos laboratórios deles. Depois, a vida não permitiu...

TF - Os laboratórios no Castelo?

NP - Como?

TF - Os laboratórios funcionavam no Castelo?

NP - Não, o laboratório do Moussatché funcionava no Anexo do Vírus, chamado laboratório do Vírus, lá nos fundos. Então esse laboratório do Vírus tinha essa parte de Parasitologia, tinha a parte de Virologia e tinha a parte de Farmacologia. Então ali tinha o laboratório do professor Miguel Osório, do Mário Vianna, Thales Martins, então, aquele grupo que me interessava mais estava ali... Então essa convivência foi muito boa para mim, eu adorava aquilo e eu senti muito quando as pessoas, ignorando que o Instituto Oswaldo Cruz... que Oswaldo Cruz chegava ao Instituto Oswaldo Cruz de lancha, esqueceram e botaram a Biblioteca enterrada. Numa dessas enchentes do Rio de Janeiro as primeiras prateleiras da Biblioteca ficaram embaixo d'água, porque eles não conheciam a história do Instituto Oswaldo Cruz; então não sabiam que Oswaldo Cruz chegava ali de lancha ou então pela Leopoldina, trem da Leopoldina. Então, porque se eles tivessem... se conhecessem a história do Instituto Oswaldo Cruz tinham construído, botado a Biblioteca pelo menos um metro ou dois metros acima, que ali sempre haveria essa possibilidade, que o Aterro encobriu isso tudo, mas...

TF - Essa biblioteca, não era a Biblioteca Central, claro.

NP - Não, quando fizeram o laboratório... No laboratório de Controle de Drogas e Medicamentos passaram a biblioteca lá do sobrado, lá do último andar do Castelo para ali. Agora não, agora a biblioteca vale a pena a gente ver que é muito... a biblioteca, não precisa nem entrar que já por fora já dá prazer de ver a biblioteca. Outro dia eu estive lá, aqui na nossa biblioteca não tinha, as coleções tem falhas e fui lá e eu fiquei entusiasmado. Só... eu tenho um protesto, porque eu tive que entrar na fila para poder dar a minha identidade. Então, o cabo: “não, o senhor tem que dar identidade...” O problema todo é que depois eu costumava entrar pelos fundos, sair pela frente, entrar pela frente e sair pelos fundos, aí tinha que sair pelo mesmo lugar, apanhar a minha identidade, lógico, eu tendo carro não tinha problema sai por trás, mas tive que sair pela frente outra vez por causa desse “negócio”, e achei isso aí

uma exigência... Eu estava com o cartão da Universidade aqui, acho que isso era o suficiente para poder entrar. Mas como para todo mundo... a não ser os funcionários que entravam sem precisar falar com o porteiro... e achei... Na época que eu freqüentava o Instituto Oswaldo Cruz a gente entrava por todo lugar, entrava pelos fundos, entrava pela frente, aquele “troço todo...”

TF - Muito assalto também.

NP - É, não tinha esse problema. Lógico e evidente, eu tinha que às vezes procurar uma igreja que tem ali perto, aí a gente via aquela igreja lá no alto; atrás do Touring tem uma igreja e às vezes eu saía lá do Instituto e ia na igreja. Você vai dizer, por quê? Porque a minha namorada, hoje minha esposa, ela assistia a missa ali. Ela morava em Bonsucesso e a igreja mais próxima era aquela, então...

TF - Então o senhor conheceu a sua esposa na igreja?

NP - Não, ela foi minha colega de faculdade, aí a gente começa a dar... Como eu era mais adiantado, mais adiantado quer dizer mais experimentado na indústria, problemas farmacêuticos e ela conseguiu um emprego primeiro do que eu, então ela tinha dificuldades e eu esclarecia essas dificuldades. Com esse negócio ficava para almoçar, com esse negócio acabei sendo obrigado a pedir ao senhor Nakamora a mão da filha dele. O problema que, a cara de japonês, eu não sabia se ele não estava querendo me ceder a mão da filha ou se era a cara normal. E eu fui surpreso, porque eu estava preparado psicologicamente para pedir a mão da minha esposa, atual esposa e seria numa quinta-feira, mas o senhor Nakamora me cobrando... porque chegou 4 dias antes, aí telefonava: “o senhor vem que Nakamora está aqui”. Aí foi um caso sério, de repente enfrentar assim, o sogro japonês para pedir a mão da filha dele. Mas a minha esposa foi minha colega de faculdade, aquele “troço todo.” Então... mas aí continuei, lógico que a atividade que eu tinha na indústria farmacêutica não me afastou do Instituto Oswaldo Cruz, porque o Instituto Oswaldo Cruz era aquela bóia que eu recorria nas dificuldades que eu tinha e, lógico e evidente, tendo os conhecimentos que eu tinha do Instituto, tinha a facilidade de resolvê-las, então na biblioteca, nos laboratórios... Então eu nunca me afastei inteiramente no Instituto Oswaldo Cruz, apesar de não ter sido nunca funcionário... não, nunca não, fui servente do Instituto Oswaldo Cruz . Servente do Instituto Oswaldo Cruz eu fui e, aquele núcleo de amizade que eu tive, isso foi muito importante porque, exatamente, eu fui trabalhar no laboratório, como eu disse, o laboratório que estava querendo progredir e as idéias, (inaudível) eu podia ajudá-los nas coisas. Ação de plantas medicinais, preparo de opoterápicos², isso aí tudo foi importante naquele meu início e, lógico, eu tenho que ressaltar aqui o papel do Moussatché, se esforçando para que eu progredisse, digamos assim, na vida. Eu sou membro associado da Academia Brasileira de Ciência graças ao Moussatché, que me obrigou a me inscrever. Eu me inscrevi, não sei se sabiam que ele era meu pistolão, eu sei que sou membro da Academia Brasileira de Ciências. Então, essa minha relação com Moussatché foi muito importante e, praticamente, eu me afastei do Instituto Oswaldo Cruz quando o dr. Moussatché foi cassado, se afastou. Mas eu

² OPOTERÁPICOS - Relativo à opoterapia; organoterápico.

OPOTERAPIA - Tratamento de doença mediante o uso de extratos de órgão animais. Dicionário Aurélio.

mantive o contato com ele na Venezuela, escrevia... Barquecimento, é um nome esquisito da cidade que ele foi trabalhar; então mantive sempre contato com ele, aquele “troço todo.” Quando ele voltou, a idade dele já não permitia muita coisa, então ele voltou para o Instituto Oswaldo Cruz, mas já tinha o pessoal que tinha trabalhado com ele aquela época, que ficou dando uma assistência a ele. E essa... lógico e evidente, que eu não consigo esquecer o bom tempo que eu passei no Instituto. Não conheci o professor Oswaldo Cruz, não conheci, ele já tinha saído naquela época, mas eu conhecia bastante a história do Instituto Oswaldo Cruz, até umas coisas cômicas...

Fita 1 – Lado B

NP - ...foi relativamente cômico isso e fez grande furor porque esse pesquisador não era totalmente simpático pelos funcionários, ele era durão, aquele “troço todo”. Então, não era muito simpático, embora fosse uma sumidade, digamos assim. Mas num artigo que ele escreveu, ele fez uma relação de possível depositário do *Schistosoma mansoni* e fez aves, tal, tal, tal e incluiu mamíferos também naquela relação. O pessoal gozava, foi uma distração. Ele passou de aves, incluiu alguns mamíferos também naquela relação de animais que seriam hospedeiros desse parasita e, lógico e evidente, que essas memórias... desapareceu porque não havia jeito como consertar isso. Mas algumas pessoas, maldosamente, surrupiaram o número das memórias. E lógico que isso aí não deu em nada porque, afinal de contas, esse professor era demasiadamente competente. Aquilo foi uma distração no escrever, incluiu na relação de animais... não que ele não soubesse o que era um mamífero, simplesmente se distraiu, incluiu e, acredito que o erro maior foi da revisão do Instituto, que a memória do Instituto Oswaldo Cruz era impressa no próprio Instituto Oswaldo Cruz. Então, isso aí devia ter sido feito uma revisão... Eu acredito que até propositadamente deixaram o negócio, eu não acredito que o revisor não notasse que havia... porque no dia seguinte que as memórias foram espalhadas já, todo mundo já estava começando a falar... Bom, agora...

TF - Eu queria, em vez de avançar, voltar um pouquinho, o senhor passou muito rápido, assim, sobre o [Colégio] Pedro II, eu queria que o senhor falasse um pouco da sua formação... no Ginásio, no Primário, se o senhor tiver alguma lembrança que o senhor queira colocar...

NP - Bom, na minha infância, lógico e evidente, essa é a parte agradável da minha vida porque, morando num subúrbio carioca numa época que tudo era cercado de mato, tinha poucas... Vicente de Carvalho, por exemplo, onde eu convivi mais, conhecia...

TF - Por que vocês se mudaram da Haddock Lobo para Irajá?

NP - Por causa daquela indústria de produto de mercúrio doce que papai queria fazer. Que lá já tinha havido um acidente com o galinheiro dele e o macaco do vizinho que era no primeiro andar; então ele viu que não podia continuar ali, porque senão ia ser um problema sério. Então, a idéia era fazer isso em Irajá. Irajá não tinha condições, a farmácia era um prédio novo, o bonde passando na frente, também como em Haddock Lobo, o bonde passando na frente, só que na Haddock Lobo o bonde era elétrico e em Vicente de Carvalho o bonde era de burro. Em Irajá era o bondinho de burro. E... hoje, por exemplo, uma coisa que pouca

gente sabe é que Vaz Lobo, nessa época, se chamava Tombadouro. Tombadouro, por que Tombadouro? Porque ali mudava a parrelha de burros. Em Vaz Lobo, atual Vaz Lobo, o bondinho de burro parava ali, trocava a parrelha de burros como é a Muda, a mesma Muda na Tijuca dos bondes, que chegava na Muda, o outro bonde é que ia para o Alto da Tijuca, então ali chama-se Muda porque ali mudava o bonde e lá também, em Vaz Lobo era Tombadouro. De modo que passei... Lógico que quando chegou na época de alfabetização eu fiz com professor particular. Quando nós fomos para Vicente de Carvalho, tinha a Quarta escola mista do 20º Distrito. Essa 4ª escola, hoje essas escolas públicas. Então tinha lá, precário, a professora Maria Isabel, a professora que foi (inaudível). Ela teve um problema muito sério porque o noivo dela era coronel do Exército e na Revolução de 30, 32, acho que foi de 30, na Revolução de 30 o noivo dela foi servir, foi combater em São Paulo, lá que seja, não sei onde ele foi combater, ela ficou muito chocada e saiu do curso, abandonou os alunos. Então eu fui transferido para o curso adiante. Eu estava no 2º ano, passei a ficar com a professora do 3º ano porque eu não simpatizei com a professora do 2º ano, a verdade era essa, não simpatizei. Não simpatizei, então, papai era presidente da Associação de Apoio, Pais de Alunos do colégio, então tinha pistolão suficiente, eu fui, passei para a outra professora, no momento, se for necessário eu poderei tentar fazer um esforço para dizer o nome dela; mas aí passei e eu comecei a assistir aula e fui, digamos assim, passei de ano sem passar de ano. Comecei a assistir as aulas dessa professora do 3º ano e, lá pelas tantas..., lá pelas tantas, “é melhor você fazer prova”. Fiz prova, passei para o 4º ano. Foi bom ou foi ruim? Foi ruim porque na Quarta Escola Mista do 20º Distrito só tinha curso até o 3º ano, então eu tive que procurar um outro colégio. Nesse outro colégio, eu fui estudar no Colégio Silvio Leite, na Rua Mariz e Barros. Agora, de vez em quando eu passo onde era o Colégio Silvio Leite, eu vejo ali aquela confeitaria, aquele “troço todo”. “Puxa! Como mudou esse ‘negócio’ aqui!” Então eu ia de trem, tinha que fazer as minhas obrigações na farmácia rapidamente para pegar o trem das 11 horas para poder chegar no Colégio Silvio Leite a tempo de assistir às aulas. Nisso fiquei um ano, fiz admissão, comecei a fazer o curso do Colégio Silvio Leite. Aí, aconteceu um problema, a farmácia de meu pai era uma farmácia pequena, pequena e servia a uma comunidade relativamente pequena e papai, na verdade, acho que ele inaugurou o “espeto³”, acho que o “espeto” foi inaugurado por ele, porque ninguém saía da farmácia dele sem remédio: “sr. Bartolomeu, eu não tenho dinheiro...” “Não, você paga quando puder”. Pegava um pedaço de folha de embrulho, botava fulano de tal e pendurava... O “pendura”, eu acho que o “pendura” ... não sei se foi papai que inaugurou o “pendura”, mas pelo menos ele usava o “pendura” lá e então, lógico, dessa maneira não sobrava muito dinheiro. Então, no Colégio Silvio Leite, apesar de ser um colégio relativamente, não era um colégio de luxo, mas 60 mil réis era importante para a farmácia, pagar uma mensalidade no Colégio Silvio Leite já começou a ficar difícil. Nisso eu fui transferido para o colégio... consegui transferência... Aí sim, o pistolão, naquela época tinha pistolão, o pistolão para... aí fui secretário do diretor. Com o pistolão de secretário do diretor, consegui ser transferido para o Pedro II e, não era grátis não, em vez de 60 mil réis pagava 40 mil réis. Essa diferença de 60 para 40 foi importante, mesmo assim, havia dificuldades para pagar esses 40 mil réis. Então, logo no mês tinha um aviso lá no quadro: “Quem não estiver quites com o colégio não fará exame final”. Aí era a vez de eu ir lá falar com o Otacílio Pereira, que era o secretário da faculdade, para pedir a ele para deixar eu pagar depois e o Otacílio: “... você é Pereira, será que você é meu parente?” Olha professor - aí eu falava: “é capaz, porque a minha tia fala

³ “ESPETO” - Venda a fiado, a crédito.

muito do senhor, conhece muito o senhor...” Não havia possibilidade nenhuma de eu ser parente do Otacílio Pereira, mas em todo o caso, eu já tinha... para falar com o Otacílio Pereira eu já tinha conseguido driblar o porteiro. O porteiro era torcedor do Botafogo e eu era América, mas nessa hora eu passava a ser Botafogo. Então falava com ele: “Beleza, o Botafogo e tal...”; “Menino, o que você quer?” “Eu quero falar com o Otacílio...” “Tá bom...” Então ele conseguia que eu entrasse porque eu, de repente, eu tinha passado a ser torcedor do Botafogo. Então, essas malandragens de estudante, não sei se foi malandragem ou necessidade, porque senão... se eu não fizesse prova... e o Otacílio: “Não, tá bom, está autorizado. E quando é que você vai pagar?” Isso aí foi... obrigava ao meu pai tomar compromisso de empréstimo, mas eu consegui chegar lá. E eu fico admirado porque eu não fiz nenhum curso de graça, a não ser a Quarta Escola Mista que era de graça, mas todos os outros cursos eu fiz pagando. Eu fiz o curso de Silvío Leite pagando, Pedro II pagando, na Faculdade de Farmácia pagando, na Faculdade de Medicina pagando, tudo isso...

TF - Qual foi a Faculdade de Farmácia?

NP - Eu fiz na Estado do Rio, antiga Escola de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro. Então fiz o curso lá, era pago também, quando fiz Medicina, na Escola de Medicina e Cirurgia do (inaudível) também foi pagando, não era nada... e depois, eu achei engraçado. Depois, meus filhos, todos estudaram... a não ser o secundário, porque o colégio mesmo, lá em Vaz Lobo, que em (inaudível), Vaz Lobo era pago, o resto tudo foi de graça, porque a época era diferente, passou no vestibular. Lógico e evidente, eles sempre foram estudiosos, então, passavam no vestibular, pronto, entravam no curso que não pagavam. Eu, para me formar, tive que pagar todos os cursos e meus filhos não pagaram. Isso foi bom, porque assalariado nunca tem dinheiro assim de sobra. Negociante não tinha, meu pai não tinha, quanto mais...

TF - O senhor estudou em qual [Colégio] Pedro II?

NP - Como?

TF - Qual Pedro II? Só tinha um Pedro II nessa ocasião?

NP - Eu só estudei no Pedro II a partir do 4º ano...

TF - Sim, mas em qual deles?

NP - Na Rua Larga, estudei ali na Rua Larga...

TF - No Centro da Cidade.

NP - Nessa época, só tinha o internato em São Cristóvão... olha, eu estou falando de coisas de mil novecentos e quarenta e tantos. Eu sou, para você ter uma idéia, eu sou da turma do centenário do Colégio Pedro II, 1948, foi a turma...

TF - No Centro

NP - Ali no Centro.

TF - Em São Cristóvão.

NP - São Cristóvão. Depois é que começaram a abrir outros...

TF - O senhor estudou no Centro?

NP - Estudei no Centro. Então, aqueles professores da época que até hoje... me recordo... História natural... Seu Arlindo Fróes era farmacêutico também, então o Arlindo Froés passou a me tratar carinhosamente, professor de Química, porque ele era farmacêutico e ele começou a saber que eu era filho de farmacêutico; que ele conhecia o meu pai da Associação Brasileira de Farmacêuticos. Então não foi uma intimidade, mas ele... a gente gostava muito do professor Arlindo Fróes, porque para os alunos não ficarem muito chateados, de vez em quando ele contava uma piada, então o “negócio” animava os alunos. Então, o curso dele era um curso muito bom e nós gostávamos bastante. E dali do Pedro II, quer dizer, eu terminei em 47, depois fiz vestibular em 48 e fiz para Farmácia. Então, fiz Farmácia e aí, quase que eu fui marinheiro porque tinha que andar de barca para ir para Niterói, Rio-Niterói. Então o pessoal dizia: “você, em vez de ir pela ponte, você gosta de barca”. Eu acho que é a reminiscência, eu gosto de viajar de barca, não sei... Todo mundo gosta de ir pela ponte, eu gosto de ir de barca. Então, eu acho que esse período muito agradável que a gente fez, lógico e evidente, a turma toda, quase toda era do Rio, vinha na barca tudo conversando, aquele “troço todo”, então...

TF - O senhor tem alguma lembrança, alguma marca desse seu tempo de Pedro II que o senhor gostaria de narrar?

NP - Olha, eu tive quando eu já estava fazendo o último ano. Eu estava servindo o Exército, então eu estava no CPOR [Centro de Preparação de Oficiais da Reserva]; CPOR, fazendo curso para cavalaria. Então não dava tempo de eu ir a Vicente de Carvalho mudar a roupa para ir para à aula no Pedro II. Então, eu já ia fardado para o Pedro II. Saía fedendo a cavalo e ia lá para o Pedro II. E, uma vez, aquele negócio de farra lá, tinha um escorrega lá, eu estava descendo do escorrega, um professor: “... pô, todo fardado!” O professor comentou a travessura que eu estava fazendo, todo fardado descer escorrega como os outros... Eu fui estudante com poucos recursos, então, a minha diversão quando matava aula – porque era uma instituição naquela época matar aula. Então o próprio Bedel dizia: “você não vão matar aula hoje?” Que ele gostaria de se ver livre da gente. Ele não se via livre de todos, porque tinham duas colegas na turma que a mãe deixava elas lá... seu... fulano tomando conta delas e ia trabalhar; então ele tinha que ficar lá preso para devolver as filhas. Mas, em todo caso, ele gostava quando a gente resolvia... a maioria dos colegas iam para o cinema, eu não tinha dinheiro para o cinema, então eu ia jogar futebol na Saúde. Juntava a turma do futebol, nunca fui um bom craque. Eu era aquele tipo de jogador de futebol que corre atrás da bola, “negócio” de ficar numa posição não, por isso que eu nunca tentei jogar no gol. Da minha turma de jogadores, de freqüentar, para ter uma idéia das coisas como são diferentes, lógico, com quem você jogava futebol? Com os malandros da Saúde. Só que a gente tinha o cuidado de não ganhar, mas nunca havia perigo nenhum jogar futebol com os malandros da Saúde. Hoje, Deus me livre! Quem é que pensa reunir a turma lá de marginais da Praça Mauá para

fazer um racha de futebol? Vai morrer todo mundo, vai morrer antes de terminar o jogo. Então eu conheci o Rio numa época... Por exemplo, hoje, colegas que moram no meu edifício, vizinhos que moram no meu edifício, quando tem alguém na calçada assim que eles não conhecem, eles dão mais uma volta no quarteirão. Eu nunca tive... apesar de ter sido assaltado já nos fundos, aqui nos fundos, fui assaltado, levaram o meu carro, mas nunca passa pela minha cabeça que alguém possa me assaltar ao entrar em casa, porque morando em Vicente de Carvalho, eu estava cansado de chegar meia-noite, uma hora [da manhã], nem sabia como ia chegar, porque eu não sabia se ia por Madureira ou se ia pela Penha, para ver o problema de condução, essa dificuldade toda. Então eu não consigo sentir esse perigo que é hoje. Outro dia, eu estava atravessando ali o Largo da Carioca, aí um senhor: “olha, aquele menino ali queria assaltar o senhor?” Eu nem reparei no menino que queria assaltar. Agora eu passo mais ou menos reparando assim, porque afinal de contas... Eu vi um pivete jogar um senhor no chão, quis tirar o relógio dele, ele se desequilibrou, pum! Se esborrachou no chão e eu perguntei: “o senhor quer que...” Ele disse: “não, não precisa não, ele não levou nada...” Também, se eu tivesse corrido atrás do pivete não ia conseguir nem chegar a 50 metros (risos). Então, eu viajei pendurado no trem da Maria-fumaça, isso aí tem uma parte cômica. Eu, viajando exatamente para eu poder sair, eu não entrava no vagão, senão para sair depois, ia ser um caso sério. Então, ficava já no estribo, aí quando passou em Maria da Graça, um rapaz que ficava lá, que tinha trabalhado nas obras do laboratório... “dr. Nuno, bom dia dr. Nuno!” Aí, os passageiros que estavam comigo... “Puxa! Nesse trem viaja doutor?” (risos). Ninguém entendeu, mas eu ia saltar numa estação depois, se eu entrasse eu não saía, tinha que ir até o fim da linha, lá ... Salvador de Sá, Francisco Sá, que era a estação final e eu ia saltar aqui pertinho, nem existe mais essa estação... Bom, tiraram a Maria-fumaça. Então para facilitar, já pegava o trem em Vicente de Carvalho cheio, se eu fosse entrar para depois ter que sair, simplesmente, quando chegava em Del Castilho muitos funcionários da antiga fábrica de tecido de Del Castilho saíam e ficava mais fácil da gente sair em Vieira Fazenda, mas antes não era muito fácil não.

TF - O senhor ficou morando lá em Vicente de Carvalho até quando?

NP - Olha, eu fiquei morando em Vicente de Carvalho... 24 com 18 dá 42... Eu só mudei de Vicente de Carvalho quando a caçula, a filha caçula... eu estava fazendo Medicina... “Ih, morar aqui, estudando Medicina não dá!” O pessoal amolava tanto que aí mudei para a Tijuca. Isso deve ter sido mais ou menos...

TF - O senhor casou e continuou morando lá...

NP - Casei e morei lá, fiquei morando em Vicente de Carvalho. Passava quase todo dia na farmácia de meu pai. Meu pai era meu vizinho, então sabia as coisas, aquele “troço todo.” Uma época que ele resolveu, depois de 50 anos, ver como é que estava o Portugal dele, ele foi com a minha mãe a Portugal e a minha esposa ficou tomando conta da farmácia, aquele “troço todo.” Então...

TF - O senhor continua acompanhando... o senhor fez uma carreira universitária, na realidade...

NP - É, aí também teve...

NP - O senhor continuou acompanhando a farmácia dele?

NP - ... teve uma oportunidade, que eu já conhecia o dr. Haity Moussatché, como eu falei. Então o dr. Haity Moussatché dava aula de Fisiologia na antiga Escola de Medicina, que hoje é a Escola de Medicina da UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro] e ele disse: “Nuno, você não quer ser professor, me ajudar em Fisiologia lá na Escola?” Eu disse: “olha professor, se fosse farmacologia está bom, mas Fisiologia?” “Ah, tá bom, então eu vou te apresentar o professor Paulo de Carvalho”. Aí me apresentou Paulo de Carvalho. O Paulo de Carvalho, o cunhado dele estava saindo para fazer concurso na Escola Nacional de Música, ele estava sozinho, apareceu... pegou o voluntário. Lógico e evidente, que eu me esforcei para corresponder a confiança que ele tinha tido em mim. Eu admirava ele, porque eu fiz o curso de Medicina por causa da Farmacologia, de repente tenho oportunidade de trabalhar com o meu professor de Farmacologia, então para mim foi interessante. Nessa época, lógico e evidente, eu tive que colaborar bastante com o professor Paulo de Carvalho. Eu era encarregado de arranjar os cachorros nas carrocinhas, os cachorros pegos pela carrocinha ... A escola mesmo não arranjava os cachorros, eu é que tinha que arranjar os cachorros. Eu trocava os cachorros com o camarada que tomava conta lá da carrocinha, eu trocava os cachorros por vidros de Figestobil, eu trabalhava no laboratório que fabricava Figestobil. “Tá bom, você me manda uns vidros de Figestobil que eu te mando os cachorros”. Então arranjava os cachorros... Eu fiz uma gaiola... eu tinha nessa época, eu tinha uma Kombi, uma Rural, então mandei fazer uma gaiola que dava na Rural para apanhar os cachorros. Então apanhava os cachorros...

TF - O senhor virou uma carrocinha (risos).

NP - Devolvendo os cachorros. Essa coisa é interessante, porque eu consegui os cachorros para dar as aulas práticas, senão, não adiantava nada ficar ajudando o professor Paulo sem fazer nada... não. Então eu providenciei tudo para que o curso fosse dado, eu arranjava os cachorros...

TF - Era o curso de...? Que o senhor ajudava ele...

NP - Farmacologia, eu dava Farmacologia na Faculdade de Medicina, eu já tinha me formado em Medicina. Então, isso aí, o difícil era se desfazer da carcaça, o cachorro morto, o que fazer? Então, se fizerem uma escavação lá na atual Escola de Medicina e Cirurgia vão encontrar um bocado de esqueleto de cachorro. Depois, quando eu passei a ser... ajudante do professor Lauro Solero, aí já o diretor exigiu: “não, tem que combinar com o camarada para apanhar... não sei quê...”, então foi diferente a coisa. Também, já não tinha mais lugar para enterrar cachorro lá... no terreno da escola começava a construir coisas, já não tinha mais terreno... Mas essa parte foi boa, essa amizade com o professor... Aliás, estão querendo fazer o histórico de ex-titulares da Academia de Ciências do Brasil e me pediram para escrever sobre o professor Paulo. Não tive muita dificuldade, porque eu convivi com ele algum tempo, me deram... O problema é saber datas, até hoje eu não consegui saber quando morreu, mas quando nasceu eu já sei; eu acho que é mais importante quando nasceu do que quando morreu.

TF - Quando o senhor foi fazer Faculdade de Farmácia, mais que a sua relação com a Farmácia fosse muito íntima, houve alguma dúvida entre Farmácia e Química?

NP - Não, profissionalmente não. Quando começaram a criação dos conselhos profissionais, aí o conselho de Química foi instalado primeiro que o Conselho de Farmácia e, lógico e evidente, o pessoal começa a puxar a sardinha para tirar pressão. Então queria que o controle do laboratório farmacêutico que eu trabalhava tinha que ter um químico responsável. Não tinha problema se essa exigência fosse verdadeira, não havia problemas que tinha, nós tínhamos químicos lá; até o dono do laboratório, ele tinha direito a ser responsável porque na época que o... ele era inscrito como químico no Ministério do Trabalho porque, naquela época, quem fabricava sabonete, sabão, era químico. Então ele aproveitou e se inscreveu, ele era químico. Nunca usou esse problema, mas nós tínhamos químicos trabalhando no laboratório. Simplesmente eu defendi que não; a atividade era medicamento, medicamento o controle deve ser por farmacêutico e isso aí... depois eu passei a entrar no Conselho de Farmácia, aí teve a repercussão dessa discussão. Depois que se criou o ano profissional do químico e o ano profissional do farmacêutico, não houve mais esses problemas. Ainda outro dia, eu tive que defender o colega do laboratório “Leite de Colônia”, que o pessoal esqueceu a discussão que houve no passado e queria que outra vez que tivesse químico no laboratório “Leite de Colônia”. Então, lá eu falei com o (inaudível) e mostrei os documentos a ele, que ele podia chamar a atenção às decisões que tinham sido tomadas no passado. Mas isso foi problema de... toda vez que entra uma nova turma tem o problema político que eles querem usar e isso aí atrapalha um pouco. Na verdade, eu me apaixonei desde... isso aí foi importante, eu ter trabalhado na farmácia do meu pai. Eu era o responsável por mudar os rótulos das tinturas, dos extratos de fluidos, das caixas de plantas que se vendia na farmácia e meu pai obrigava eu abrir a farmacopéia para escrever... ipeca uragoga, ipecacuanha⁴, era o que se usava, tinha que botar o nome científico. Então, até hoje o pessoal se admira como é que eu guardo tantos nomes científicos; lógico, fazendo aqueles rótulos de tintura eu acabei decorando isso. Mas ficou aquele problema, quer dizer, quando eu estudei com o professor Paulo, embora o professor Paulo tivesse feito uns 2 ou 3 trabalhos com produtos naturais, não era... ele não tinha uma paixão por isso. Quando eu comecei a entrar para a Universidade, aí passei a trabalhar com produtos naturais. Quem fez teses comigo, só das 15 teses, só 3 não são sobre plantas, todas as outras foram feitas com plantas porque, não é que eu exija, não, simplesmente: “professor, quero trabalhar com você...”; “você tem alguma planta que você gostaria de estudar?” “Ah, eu gostaria de estudar isso...” Agora, se for planta da Amazônia eu não tenho verba para mandar ele ir lá na Amazônia colher a planta, mas se for planta que se arranje por aqui... Então, as teses que eu orientei aqui no departamento de Farmacologia foram teses com plantas, então, o pessoal agora está vendo que eu estou sozinho nesse interesse, estão achando que daqui a pouco... Eu estou, há 6 anos que eu estou aposentado, como chefe de departamento eu mando nele, então, o professor Luiz Paulo não me obriga a ir embora, mas o pessoal aí: “pô, o que o professor Nuno está fazendo aí? Ele não está aposentado?” Quer dizer, as pessoas acham que o sujeito sendo aposentado é obrigado a ficar na cadeira de balanço. Eu comecei a trabalhar com 8 anos, por que agora eu vou para a cadeira de balanço? Não tem sentido. Depois, também eu tenho tido um exemplo, todos os colegas

⁴ IPECACUANHA (palavra indígena brasileira). Ipeca; raiz dessecada da Uragoga (Cephaelis) ipecacuanha (família Rubiaceae), arbusto do Brasil e outras partes da América do Sul. STEDMAN DICIÓNARIO MÉDICO. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 1979. Vol.1, 23^a- edição

meus que estão na cadeira de balanço agora estão embaixo da terra, então eu acho que é melhor eu... Aliás, morrer, não é que eu gostaria que isso acontecesse, mas meu pai era muito agarrado aos deveres, ele não precisando votar no Conselho de Farmácia ele foi votar no Conselho de Farmácia e, como ele tinha um consulto médica na Praça Saens Peña ele não esperou o elevador, ele subiu 3 andares para ir lá. Lógico e evidente, quando ele chegou no consultório médico o médico não conseguiu tirar o eletro dele em virtude da deficiência que o coração já estava apresentando. Ele fugiu do consultório médico, aí na Praça Saens Peña. Eu acho que ele morreu no carro indo para Vicente de Carvalho, ele morreu no carro. Nós encontramos ele já morto no hospital, ali no Méier, e os colegas quando sabiam que era pai de médicos, botaram ele como entrando no hospital vivo, mas eu desconfio que ele não entrou vivo no hospital não, porque se ele tivesse entrado morto aí tinha que fazer autópsia, aquele “troço todo.” Mas ele morreu cumprindo as obrigações dele, é isso que eu estou fazendo, enquanto eu puder cumprir as minhas obrigações, eu estou aí.

TF - Me diga o seguinte: essa sua afeição pelas plantas medicinais, ela na realidade nasceu quando? Seu pai não trabalhava com plantas medicinais...

NP - É, naquela época a farmácia, a base da Medicina era tinturas, extrato de fluidos e chás. Tinha uma ou outra especialidade que estava começando; quer dizer, eu vi nascer as sulfas e eu vi nascer os antibióticos, mas antes não tinha nem sulfas nem antibióticos, eu sou da época antes da sulfa e do antibiótico. Hoje... então, na verdade, eu me admiro os médicos, por exemplo, o professor Armando Cruz em Madureira, que atendia, por volta de 1930, atendia a população de Vicente de Carvalho, Irajá, Vaz Lobo. Ele era o médico dessa região numa época que tinha a Malária, tinha Febre Amarela, como é que ele tratava esse pessoal? Só que ele era um médico importante na época, era muito requisitado e ele lá pelas “tantas”, ele estava cansado. Então, ele ficava quase que dormindo e então o pessoal dizia que ele estava baixando o santo. Não era (inaudível) esse camarada... Então, a outra parte cômica era um outro médico, esse aí já foi em Vicente de Carvalho quando via a coisa perdida, receitava xarope (Desessar), aí eu perguntava ao papai: “puxa, o dr. Silvano receitou xarope Desessar...” “Ah, esse cara é um caso perdido...” Quando ele não tinha mais...

TF - Desessar?

NP - Xarope Desessar, é uma associação de ipeca com... no momento agora eu não sei, mas é um extrato... extrato Desessar, é uma coisa que o professor... quando...

TF - Não sabia o que ia dar.

NP - Não sabia o que ia dar, receitava o xarope Desessar. Então, o papai que aviava a receita, nessa época os médicos formulavam. Agora, formular é uma coisa excepcional. Naquela época todo mundo formulava. Então papai disse: “e... essa criança tá ruim. O professor Silvano receitou xarope Desessar...”. Se via perdido, ele apelava para o xarope Desessar.

TF - A sua opção pelas plantas medicinais, na realidade, foi natural.

NP - É, foi natural, quer dizer, quando eu comecei a trabalhar com Moussatché, já ajudando o Moussatché, então eu comecei a trabalhar com plantas com ele. O angico⁵, as sementes de angico eu extraía a buftenina, depois nós fizemos a buftenidina, fizemos a farmacologia da buftenina e da buftenidina naquelas preparações lá, depois, naturalmente, tem o aspidosperma (inaudível), alcalóide que foi isolado do aspidosperma⁶; fizemos a reação lá também, depois da (inaudível), o alcalóide que foi isolado pelo colega lá, amigo, foi isolado, o alcalóide ainda não estava identificado, então a gente chamava (inaudível). Esse alcalóide é importante porque foi um alcalóide que serviu para a minha tese para titular e, até o dia que eu tinha que entregar a tese, esse alcalóide, a estrutura dele ainda não estava identificada, pode ser querimitrina e pode ser nitidina. Aí eu fiz “uni-du-ni-tê, sa-la-mê min-guê,” errei, botei querimitrina, quando se eu tivesse colocado nitidina seria o primeiro estudo farmacológico da nitidina. A senhora vai dizer assim...

Fita 2 - Lado A

TF - Entrevista com o Professor Nuno Alvares Pereira, dia 28 de agosto de 1996, para casa de Oswaldo Cruz, entrevistado por Tania Fernandes e Lina. Continuando...

NP - ... ficava eliminado por causa de tanta... do “negócio” da nitidina; porque a nitidina é uma das possibilidades de atuação no Aids, é o inibidor da reprodução do vírus da Aids. Agora, como a nitidina não entra dentro da célula onde o vírus se esconde, então..., mas é possível fazer uma modificação estrutural da nitidina que ele passe a atacar o vírus dentro do local. Agora, em tubo de ensaio é a substância que atua... talvez seja a mais importante na inibição da reprodução do vírus. De forma que essa nitidina poderia ter significado assim: “como pessoa que publicou o código...” Não saiu. Saiu querimitrina por causa dos meus colegas químicos que ficaram sem saber onde iam botar a hidroxila. Que posição entra a hidroxila? Então, eles... “pode ser querimitrina ou pode ser nitidina”; e aí..., mas qual é... “Bom... eu não sei ainda onde é que está a hidroxila”. Então, não sabiam onde é que estava a hidroxila, saiu... Eu tinha que entregar a tese para o concurso de catedrático... desculpe, catedrático não, titular, aí já não existia mais catedrático, para titular; então eu botei o nome do alcalóide querimitrina, mas na verdade esse nome não é correto, porque esse alcalóide que foi estudado é a nitidina. Mas eu comecei estudando lá no Moussatché, lá em Manguinhos, que eu comecei aos sábados. Depois do trabalho no Instituto eu ia parar lá no laboratório do Moussatché. Nessa época eu tinha carro, então já dava uma carona para ele, “aquele troço todo”. Moussatché nunca teve carro, sempre foi... não, nunca teve carro não. Quando ele esteve na Venezuela ele tinha carro, ele é quem dava carona aos outros. Mas em Manguinhos ele sempre foi... “eu vou esperar Fulano, eu vou esperar Sicrano, eu não vou agora...” Ficava esperando alguém que tivesse carro para levá-lo. Aí, já existia a Av. Brasil nessa época, então

⁵ ANGICO: Piptadenia Colubria, Benth. Acacia Angico, Martius. Família das leguminosas. Árvore de origem brasileira, sendo uma das plantas de grande valor da flora brasileira pelas suas muitas utilidades. Terapêutica: diarreias, disenterias e anginas - e sempre entrou em fórmulas farmacêuticas. CRUZ, G.L. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. RJ, ed. Civilização Brasileira, 1982.

⁶ ASPIDOSPERMA: Gênero de plantas da família das apocináceas (aspidosperma), ao qual pertencem diversas árvores brasileiras produtoras de madeiras. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. RJ, ed. Nova Fronteira, 1986.

eu descia o Instituto Oswaldo Cruz e esperava ali na Av. Brasil, ali em frente a Manguinhos. Naquela época, os ônibus já passavam lá à 80 km; quando eu conseguia ver qual era o ônibus, já tinha passado. Então, nunca consegui viajar no primeiro ônibus, eu tinha... eu preferia ir logo lá para o outro lado para viajar de bonde, porque o bonde parava mesmo.

TF - Do outro lado onde? Ah, lá atrás...

NP - Depois da linha do trem. Ali a gente passava para lá... aquela rua lá... como é o nome? Bom... depois onde passava os bondes. Ali eu ficava esperando, quando via que era o ônibus... Ih! ele já tinha passado. Então, ele passava numa velocidade... Era raro as pessoas ali, na altura do Instituto Oswaldo Cruz [IOC], apanhar ônibus. Então, quando eu percebia que o ônibus estava chegando já era tarde, já tinha passado; ou então, entrava em qualquer um para sair dali; ia até a Penha, na Penha tinha muitas possibilidades para ir para casa. Mas...

TF - Me diga o seguinte: então, o senhor se formou, se formou assim, trabalhando no Instituto Oswaldo Cruz, no Moussatché e na Universidade...

NP - É, eu comecei... bom, tem uma história aí que ... um pedaço aí da história que ficou... Bom, eu estudei Medicina porque o curso de Farmácia era deficiente. De repente, essa deficiência do curso de Farmácia começou a ser verificado e começou a ser melhorado, na tentativa de melhorar o curso de Farmácia; aí houve uma modificação do currículo, o curso de 3 anos passou para 4 anos. Nesse passar de 3 anos para 4 anos foram criadas algumas disciplinas novas e uma das disciplinas que foi sugerida que deveria ser criada era Farmacologia e Controle de Medicamentos. Bom, quem vai dar esse curso? Então, lógico e evidente, começaram a perguntar a um, perguntar a outro. As pessoas perguntaram ao professor Oswaldo de Almeida Costa "... ah, vou pedir ao professor Paulo de Carvalho se ele pode dar esse curso". Aí o Paulo de Carvalho: "mas eu? Eu não estou mais... fala com o Nuno". Então o professor Paulo mandou falar com o Nuno. Lógico e evidente, como eu costumo fazer as coisas quando acho que é importante, não quis saber se vão me pagar ou não vão me pagar. Para mim não é... o problema é... e eu aceitei o convite. Aceitei o convite para ser o professor que iria dar a disciplina...

TF - Isso na Universidade do Estado?

NP - Não, aí já na Universidade Federal, no curso de Farmácia...

TF - Federal...

NP - Lá na Praia Vermelha. Então eu fui o primeiro professor de Farmacodinâmica que se pode dizer no Brasil. Foi o professor, o primeiro professor de Farmacodinâmica, que lá na Faculdade de Farmácia chamava-se Farmacodinâmica e Controle de Medicamento, depois foi separado, ficou só Farmacodinâmica. Quando eu vim aqui para o Fundão já era só Farmacodinâmica. Então, eu fui professor de Farmacodinâmica no curso de Farmácia. Bom, essa turma toda de alunos aí, de 1959 para cá, esses 40 anos de formar médicos... de farmacêuticos que foram formados na Praia Vermelha, foram meus alunos. Eu é que tenho um pouco de dificuldade, às vezes: "professor, como vai o senhor?" Fico sem saber se era do curso de Farmácia ou do curso de Medicina, porque eu já estava dando na... O professor

Paulo de Carvalho... ajudava o professor Paulo Carvalho. Quando o professor Paulo de Carvalho se aposentou em 50, eu fui ajudar o Professor Lauro Solero; e o professor Lauro Solero achou que eu era interessante, então ficamos amigos de verdade e vivemos juntos e lamentavelmente, está aqui o reconhecimento. Mas ele foi muito importante na minha vida, lógico e evidente, que eu nunca falei com ele que houve outras pessoas importantes, senão ele ficava enciumado. Mas ele me empurrou e lá “pelas tantas”, quando ele viu que eu estava em condições de fazer concurso para a Escola de Medicina e Cirurgia, ele se aposentou; porque ele foi ser o titular na Faculdade de Medicina lá na Praia Vermelha e ficamos, eu na Medicina e Cirurgia e ele na Praia Vermelha. Depois, com a reforma da Universidade, as disciplinas básicas foram reunidas. Vieram aqui para o Fundão as disciplinas básicas, então foi Departamento de Farmacologia e Terapêuticos Experimental. Eu, lógico e evidente não tive...

TF - Aí já era década de 70, setenta e tantos.

NP - Setenta e tantos. Então, eu vim para aqui, para o Departamento sem dificuldade nenhuma porque o chefe do departamento era o professor Lauro Solero. Eu ia dizer: “não professor, eu quero ficar na Praia Vermelha...”; não, não quis nem discutir. Vim, eu vim, embora já tivesse, digamos assim, anexado ao Departamento de Farmacologia; mas eu ainda dei um ou dois anos, eu ainda dei o curso na Faculdade de Farmácia. Quando o “negócio” mudou para aqui, para o Instituto Biomédico, aí eu vim, vim com as pessoas... Eu praticamente fui um dos que veio com o professor Lauro para aqui, porque um estava nos Estados Unidos, outro estava na Inglaterra, outro estava não sei aonde, então eu fui um dos primeiros professores que veio para aqui, arrumar a casa. Então...

TF - O Departamento, ele na realidade, ele se relaciona nas faculdades, não só com a Farmácia, mas com a Medicina, Odontologia...

NP - É, a idéia é dar curso para Farmácia, Medicina, Odontologia...

TF - O Departamento está vinculado diretamente à Faculdade de Farmácia, Medicina ou a...

NP - Não, pertence ao Instituto de Ciências Biomédicas como a Parasitologia, como a Bioquímica, como...

TF - Com os Departamentos.

NP - É, com o Departamento. Só me passaram 6 Departamentos, que passaram a se considerar aqui. E, lógico, para mim, não tive dificuldade nenhuma em vir, porque eu já estava lá com o professor Lauro... vou dizer: “não professor, eu quero ficar na Faculdade de Farmácia.” Seria um... o que eu ia fazer na faculdade de Farmácia; embora eu pertencesse ao Departamento de Farmacognosia, que o Departamento de Farmacognosia é o departamento que cuida de plantas, digamos assim, de drogas, vegetais. Mas eu não, eu queria fazer... e isso foi muito bom para mim, porque aqui eu tive muita oportunidade de colaborar e as possibilidades de fazer pesquisa foram muito maiores do que eu tinha. Então, foi bom eu vir para aqui, e fiquei aqui, lógico e evidente, fiquei um pouquinho na Medicina e Cirurgia até que inventaram para eu ser diretor do Biomédico. Eu era vice-diretor, o professor Dolimar

foi ajudar o reitor, aí me telefonou às 8 horas da noite: “Nuno, amanhã você assume a direção do biomédico”. “... Mas Doli, por quê?” “Não, você é o vice e eu, o reitor me chamou para ir lá para a Reitoria”. Então eu vim aqui para o Biomédico. Diretor do Biomédico, sem nunca ter trabalhado em administração universitária. Então, completamente... “o que fazer?” Porque o Biomédico naquela época não tinha verba, porque não tinha alunos. O professor de Biomédica não tinha alunos porque ele preparava alunos para a Faculdade de Medicina, para a Faculdade de Farmácia... ele mesmo não tinha aluno. Então, não tinha verba, então era um problema sério esse “negócio.” Depois foi... agora, atualmente está resolvido. Mas aí criou-se um problema...

TF - Mas as faculdades não eram ligadas ao Centro [Centro de Ciências da Saúde - CCS - UFRJ], não? Ficava o Centro e as faculdades.

NP - Quer dizer, a Faculdade de Farmácia...

TF - O senhor fala Biomédica, é o Centro de Ciências Biomédicas.

NP - É, Centro de Ciência da Saúde. Centro de Ciência da Saúde. Então o Instituto de Ciências Biomédicas é uma das unidades do Centro de Ciência da Saúde, depois tem a Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Nutrição, Faculdade de Farmácia, são as unidades de formação profissional. O Instituto de Ciências Biomédicas era responsável pelas disciplinas básicas. Quando eu fui para diretor do Instituto de Ciências Biomédicas, aí criou-se um problema, porque a secretária... “O senhor tem que ficar em dedicação exclusiva”. “Eu não posso ficar, eu sou da Medicina e Cirurgia”. “Pode, não pode”. “Mas não pode, o senhor tem que ficar 8 horas.” Aí eu inventei um horário lá na Medicina e Cirurgia que eu dava aula aos sábados. Eu fazia 20 horas lá e vinha fazer 40 horas aqui, que isso é legal, esse “negócio”. Mas a secretária: “ah, mas qual é a hora que o senhor almoça?” “Eu não almoço”. Na verdade, eu não almoço, não é mentira, não, eu não almoço. “Ah, mas o senhor tem que almoçar, é a Lei!” “Bom, mas como é que eu vou almoçar?” Então, eu tinha carro, era fácil eu vir aqui, ia lá nos dias de dar aula, depois a Raquel dava as aulas que eu não podia, ela dava a aula... Lá na Medicina e Cirurgia, tinham 4 pessoas para me ajudar a dar aula e aqui, eu na direção, então... exigiu tanto... Eu já tinha direito a me aposentar na Medicina e Cirurgia, então eu pedi aposentadoria na Medicina e Cirurgia. Lá eu já tinha feito concurso para professor titular ...

TF - Lá o senhor dava só aula?

NP - Lá não tinha, não podia fazer outra coisa senão dar aula...

TF - Na Medicina?

NP - É, no curso de Medicina. Naquela época também dava farmacologia para alguns cursos, Nutrição e Enfermagem, também dava lá; mais na Odontologia, na Medicina e Cirurgia não tinha o curso de Odontologia, então não dava Odontologia. Mas aí, eu pensei que a aposentadoria fosse demorar muito e requeri a aposentadoria. Em um mês saiu a aposentadoria. E agora? “Agora, para efetivar o senhor tem que ir lá”. Então eu esperei terminar o curso, terminou o curso. Tanto que eu fiquei aposentado, mas não...

TF - Trabalhando.

NP - Não, eu teria que dar baixa lá no “negócio”. Então fiquei ainda 3 meses, ou 4 meses até terminar o curso para, na verdade, dar baixa lá para poder ficar aqui as 40 horas como a secretária exigiu que eu ficasse. Então, por um lado foi bom, eu comecei a simplificar a vida... não, simplificar a vida não simplifiquei, não, que aí inventaram o mestrado em Botânica. O mestrado em Botânica... aí o Xavier, professor Xavier, o encarregado de organizar o curso desse mestrado em Botânica no Museu Nacional, e tinha uma disciplina que era importante colocar: Plantas Tóxicas e Medicinais. Olha, Plantas Tóxicas... eu nem sabia que tinham colocado essa disciplina, Plantas Tóxicas e Medicinais era uma disciplina... Eu nunca me interessaria por sistemática de fanerógamo⁷, isso não interessaria; mas Plantas Tóxicas e Medicinais eu só soube quando o Xavier chegou e me disse: “Olha, Nuno, o problema é o seguinte: eu já procurei Fulano, Beltrano, Sicrano; eles me perguntaram quanto que eu ia pagar, eu disse que não ia pagar, o curso está começando, não tem que pagar”. Então eu quero saber... “Mas todos os dias, por que você não fala com o Nuno? Por que você não fala com o Nuno?” Uma vez, ele entrou aqui no laboratório: “professor, eu sou o Xavier, sou o encarregado, Alvares Xavier, sou o encarregado e estou atrapalhado com a disciplina de Plantas Tóxicas e Medicinais. O senhor aceita ser o responsável pelo curso?” “O que eu tenho que fazer?” “Bom, o senhor tem que fazer um programa”. “Para quando?” “Para depois de amanhã” (risos). Então, lógico que você vai dizer: “puxa! Mas fazer um programa para um curso...”. Para mim não foi tão difícil, porque eu vivia tanto com planta na cabeça e não foi muito difícil fazer um programa em 48 horas. Eu fiz o programa e fui dar o curso lá. Mas logo eu sabia que não ia ser pago, não tinha como me pagar porque se o Xavier tinha me dito que não tinha verba para pagar o professor... Isso também foi bom, porque eu passei a viver com botânicos, passei a ser professor de botânicos. Então eu, que era professor de médicos e farmacêuticos passei a ser professor de botânicos também. Então eu me realizei. Há 20 anos que eu sou professor lá do Museu Nacional, do curso de Plantas Tóxicas e Medicinais. Consegui orientar algumas teses, lógico e evidente, puxando a sardinha para o meu lado; “bom, se você quiser fazer...” Então, já tem 3 ou 4 teses que eu orientei de lá, alunos de botânica eu consegui orientar aqui, por causa que tinha... puxei a sardinha para a parte farmacológica. Planta hipoglicemiante⁸, a Jane trouxe a (inaudível) para o meu laboratório, estudamos a atividade hipoglicemiante da (inaudível). Estudamos os efeitos tóxicos do “Comigo Ninguém Pode”, uma outra aluna de mestrado lá...isso aí tem uma... eu não sei... Para muitos, só na parte de doutorado, o professor Ricardo (Laenet) estava tentando fazer doutorado, ele se interessou pelas... (inaudível)... sangue de italiano, papai dizia que meu avô tinha sangue de italiano. Mas o... então agora, por exemplo, está uma dificuldade de fazer doutorado de Botânica. Os professores começaram a se aposentar, se aposentar e daqui a pouco não está... Então a professora Margareth agora tem a oportunidade de instalar o doutorado em Botânica, aí me perguntou: “Nuno, você não tem uma disciplina para dar no doutorado?” Inventa-se. Inventei uma disciplina para dar no doutorado. Então: “Determinação de técnicas farmacológicas a base de determinação da atividade de plantas

⁷ **FANERÓGAMO:** Diz - se de, ou vegetal cujos órgãos reprodutores são bem evidentes. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. RJ, ed. Nova Fronteira, 1986.

⁸ **HIPOGLICEMIANTE:** Que tem a propriedade de reduzir a concentração de glicose no sangue e pode ser usada como antidiabético. Ibidem.

medicinais”; então, eu sou responsável pela disciplina. Ainda não dei o curso, já fiz o programa, dessa vez eu fiz o programa com antecedência. Mas esse programa foi elogiado. O colega quer que eu continue aqui trabalhando porque ele quer estimular o Instituto de Farmacologia de Plantas e Produtos Naturais que vem dos Estados Unidos para cá, o Edson e ele: “hum, o teu programa está muito bom...” Eu não sei nem se vou conseguir dá-lo. Agora, eu estou ameaçado de para o ano eu ter que dar o curso de mecanismos, técnicas para determinar a atividade de produtos naturais, então...

TF - Como é que é essa relação que o senhor colocou agora, um novo personagem que é o botânico, aí na história da sua vida. Como o senhor vê essa relação entre esses profissionais, Farmácia, Química, Botânica...

NP - Olha, não foi muito difícil, porque o curso de Farmácia sempre teve a disciplina de Botânica, sempre. Então, antigamente... você vai dizer: “Bom, mas só o curso de Farmácia?” Não, antigamente o curso de Medicina tinha a disciplina de Matéria Médica e tinha o curso de Botânica que era dado para médicos e para farmacêuticos. Não sei que ano, mas muitos (Caminhoá?), frei alemão, todos foram professores de Botânica na Faculdade de Medicina, porque a Faculdade de Farmácia não era faculdade de Farmácia, era curso anexo de Farmácia na Faculdade de Medicina. Então esses professores davam Botânica. (Caminhoá?), o frei alemão, dava Botânica para farmacêuticos. Quando verificaram que o curso de Medicina tinha que ter outras disciplinas, aí verificaram que tinham que tirar alguma coisa. Pegaram a matéria médica e dividiram. Matéria médica ficou dividida em Farmacologia e Farmacognosia. Farmacologia para médicos e Farmacognosia para farmacêuticos. E lógico, agora, o médico não pegou Farmacognosia, mas o farmacêutico pegou a Farmacologia; então passou a ter Farmacologia, mas a Botânica sempre existiu. O descobridor da digital⁹, da (denalera?) como atividade cardiotônica, isso se deve ao médico. O médico conhecia botânica, porque ele pegou 18 matinhos e conseguiu classificá-los. Mas... é bem verdade que a Inglaterra, a flora é limitada, mas ele conseguiu identificar e chegou à *Digitalis purpurea*, (Foks Roller) e ali verificou que, ali a atividade benéfica para o coração era devido àquela planta. Porque os médicos tinham conhecimento de Botânica e mesmo... O primeiro vestibular que eu fiz ainda se exigia botânica no vestibular. Agora não, agora não tem mais no vestibular. Os médicos não estudam mais plantas, não são obrigados a estudar plantas; mas tem muitos médicos que se interessam por esse assunto, e às vezes se matriculam no curso que eu dou no Museu Nacional. Fazem o curso no Museu Nacional para ter a idéia de plantas tóxicas e medicinais. Só que a parte de Botânica, propriamente dito, não... aquela disciplina na Botânica, são outros professores que dão.

TF - Como o senhor veria essa história, esse campo de trabalho com Plantas Medicinais? Pode ser que tenha um campo de pesquisa específico para isso.

NP - Olha, é interessante isso, porque houve uma época... não exagerar muito, até 1900 todos medicamentos importantes eram da flora medicinal. A partir de, talvez 1920, começaram a aparecer substâncias sintéticas e depois da 2ª Guerra, aí estourou uma explosão de derivados sintéticos. Então a medicina começou a substituir os produtos naturais por substâncias

⁹ **DIGITALINA:** Substância cristalina, que se usa como tônico cardíaco, extraída das folhas da *Digitalis purpurea*. Ibidem.

sintéticas. A descoberta dos antibióticos, isso aí foi um problema, os quimioterápicos, os antibióticos e tudo... E agora está se notando que estão faltando coisas que você encontra em plantas. Então, quando eles mexem em planta e chegam a uma substância que é importante, eles vêem se é possível sintetizá-la. Então, a planta só vai servir para: “olha, você faz isso que isso é bom...” (inaudível) diz: “faz isso que é bom”. Então, agora depois eles procuram ver se é possível sintetizá-la. Algumas eles não conseguem sintetizar, tem vários...

TF - Essa preparação pela síntese é em termos de barateamento de produção? Seria por isso?

NP - Não, porque, lógico e evidente, você estudando produtos naturais, talvez você tenha limitações terapêuticas, mas sempre é mais barato do que você... porque numa droga de sintético você tem os *royalties*, tem uma série de problemas em torno disso que tornam aquele produto caro. Agora, às vezes, você não consegue fazer isso. A (Vinculeucoblastina) é uma substância importantíssima no tratamento em paciente leucêmico. É extraído de uma planta muito comum, a pervinca¹⁰. Se você descer por aqui, você vai encontrar pervinca. Em todo lugar tem pervinca, qualquer jardimzinho tem pervinca, também chamam de “Maria-sem-vergonha¹¹”. Sabe por quê? Porque você tem uma flor branca junto com uma flor rosa, aquilo é problema genético, mas o pessoal diz que é “Maria-sem-vergonha” porque ela fica prevaricando, então dá filhos de outras cores (risos). Parece que por isso a planta tem esse nome. Dessa pervinca, que é uma planta muito comum em todos os jardins, descobriu-se que ela tem, entre os 80 alcalóides que ela tem, tem um que é a (Vinculeucoblastina), que é leucopenisante, diminui a produção dos glóbulos brancos, que é o problema do câncer do sangue, que tem um aumento dos glóbulos brancos, então ela produz uma leucopenia. Foi descoberto por acaso esse problema, quer dizer, o pessoal, como a pervinca é também tida como hipoglicemiante. No Canadá, o pessoal estava fazendo estudo para ver a modificação... para ver se fazia hipoglicemia ou não. Nisso, o pesquisador reparou “êpa, mas os glóbulos brancos desapareceram, o que é que houve?” Então, esse “desapareceram”, eles começaram a verificar qual era a fração responsável por isso e isolaram a (Vinculeucoblastina). É uma estrutura muito complicada, não conseguiram até hoje nem confirmar a estrutura que foi determinada laboratorialmente, com esses recursos que existem. Você não conseguiu sintetizar para confirmar aquela estrutura. Agora, você precisa de 4 toneladas de planta para extrair uma grama da (Vinculeucoblastina). Agora, seja, “pô, mas então” ... aí como você precisa dá um miligrama, então uma grama dá 1000 doses, corresponde a 1000 doses. Então, lógico e evidente, que está todo mundo se esforçando para ver se em cultura de tecido se consegue aumentar, simplificar o problema. Então, como a mão-de-obra na Índia é barata, o extrato bruto vem para purificar aqui, purificar nos Estados Unidos porque lá a planta nasce com facilidade, então... Um outro exemplo que também é importante, uma substância muito importante para o paciente terminal é a morfina e é a substância mais barata é a morfina, porque o ópio produz 20%, chega a ter 20% de morfina. Já foi sintetizado, mas se for usar morfina sintetizada quimicamente ela vai custar 10 vezes mais cara do que saída do ópio.

¹⁰ **PERVINCA:** Designação comum a duas plantas da família das apocináceas (*Vinca disformis* e *Vinca major*); vincapervinca. É adstringente e empregada para aumentar a lactação; é recomendada como anti-hemorrágica. *Ibidem*.

¹¹ **MARIA-SEM-VERGONHA** - Erva suculenta, da família das balsamináceas (*Impatiens sultani*), originária de Zanzibar, e que cresce espontaneamente no Brasil. Dicionário Aurélio.

TF - A mais utilizada é a sintética, não?

NP - Não, morfina, não. Toda morfina que você encontra é natural. Esse é o problema de Saúde Pública, porque hoje você não pode proibir de plantar papoula. Se você proibir de plantar papoula você não tem o ópio, se você não tiver o ópio você não tem morfina, se você não tiver morfina, ilegalmente você não obtém a heroína, que é uma droga que é proibida de fabricar. A planta não fabrica heroína, a planta fabrica morfina, mas você pode da morfina transformar em heroína e na marginalidade vai aumentar o preço 100 vezes. A heroína é 100 vezes mais cara do que... Então, a Organização Mundial de Saúde está procurando escolher derivado de papoula, espécie de papoula, que não produza morfina, produza um outro alcalóide que seria fácil para quem tem experiência transformar em morfina. Lógico, ainda não chegaram a isso, porque você não pode proibir, na Ásia, por exemplo, que você plante papoula, não pode, porque eles vivem lá disso. É a mesma coisa que, por exemplo, de repente você dizer “não, está proibido plantar café”. Agora não é tão importante, mas houve época que 80% da economia do país estava baseado no café. Então, hoje corresponde mais ou menos a 40% da economia do país, mas houve épocas que 80% da economia era baseada no café. De vez em quando tem gente aí que inventa, “o café produz câncer”, “o café produz isso”. Então, eu fico assustado com esse “negócio”, felizmente até hoje não conseguiram provar que o café é nocivo. A única nocividade que eu acho, é que eu não fumo, é associação cigarro-café. “Onde é que está fulano?” “Foi tomar um cafezinho”. Quando o Fulano volta... “um instantezinho que eu já vou ...” Está fumando. Então você não consegue conversar com alguém antes que sacie os dois dependentes: o fumo e o cafezinho.

TF - Olha só, professor, a Universidade conduz as suas pesquisas, a opção pelas pesquisas, pela linha de pesquisa que a Universidade tem tomado, no seu departamento especificamente, ela está relacionada, ela se relaciona... o senhor se preocupa assim com a pesquisa aplicada, pesquisa básica, como é que é essa relação?

NP - Bom, lógico e evidente, que eu me baseio no folclore. A pessoa diz que tal substância é boa para isso, então eu tento ver se há uma verdade. Então eu tenho uma linha de pesquisa que são plantas hipoglicemiantes, que na medicina popular são usados para pacientes com diabetes, os diabéticos.

TF - Como é que o senhor chega nessa medicina popular? Vocês têm uma pesquisa para medicina popular?

NP - Em regra, você encontra essas informações, ou a pessoa chega, lógico e evidente, às vezes “o senhor já estudou carambola?” Eu nunca estudei carambola, mas não vejo vantagem em fazer pesquisa com carambola. Pela experiência que a gente tem, a gente já vê que não deve ser carambola. Carambola entrou aí por uma questão... porque você não encontra na literatura internacional, atualmente tem uma revisão, até a revista por um acaso está aí no meu laboratório, uma revisão que mais de 800 plantas que na medicina popular são tidas como hipoglicemiantes. Então, essa é uma linha. A outra linha que sigo também, eu associado com o professor Walter Mors e o pessoal que trabalha comigo. Coisa que eu não acreditava, eu não acreditava que existisse plantas antiofídicas. Eu achava, ou a cobra não era venenosa, ou a cobra tinha usado todo o veneno; então ela não era antiofídica porque ela não tinha mais

veneno, isso é o que eu achava. Interessante que você revendo a história, você vê que Vital Brazil, o primeiro recurso que ele teve para tratar acidente com cobra foi planta. Quando ele se formou, ele foi lá para Botucatu, nessa região havia muito acidente com cobra e ele ficava sem poder... Um dia alguém disse: “por que você não dá isso?” Então, ele resolveu dar essa planta e o italiano ficou bom. Então, lógico e evidente, ele não parou aí, ele foi mais adiante. Ele já tinha ouvido falar na preparação do soro antiofídico, então ele foi para São Paulo, em Botucatu, e lá no Instituto Butantã ele preparou o soro antiofídico. E com isso, ficou uns 80 anos no esquecimento entre o recurso natural de planta antiofídica, porque você tinha o soro antiofídico preparado pelo Vital Brazil. Embora o soro antiofídico não seja 100%, mas você tinha um recurso. Um recurso que, por exemplo, dentro do mato, como é que você vai arranjar o soro antiofídico dentro do mato. Se você leva para o interior, chega lá: “Ih, tem o prazo de validade, que já está esgotado!” Então o nosso objetivo é você ter certeza que existem plantas que podem ser usadas com acidente ofídico. 100%? Bom, nos meus camundongos são 100%. Eu injeto uma dose de veneno que mata todos os camundongos e dou um chá da planta, chá, não é injetável não, e dou um chá da planta e nenhum morre. Então, não há dúvida nenhuma que tem atividade antiofídica, a experiência... Nós estamos tentando apertar o programa para saber qual é o mecanismo que isso acontece. Uma coisa que nós estávamos terminando agora, nós estávamos preocupados se a planta inibia a formação de anticorpos. Então, um acidente de laboratório fez com que a gente... que essa dúvida teria que ser comprovada. Eu comecei a ter uma porção de camundongos aí que não tinham morrido. Eu tinha injetado o veneno e não tinham morrido porque tinham tomado chá de Jutai¹², tinham tomado chá de... Então, aí nessa ocasião, Betina estava comigo: “professor, o que nós vamos fazer com esses animais?” Matar à toa não tinha sentido, então eu disse: “Betina, injeta a dose de veneno que mata, pelo menos a gente fica sabendo...” Nenhum morreu. Eles estavam vacinados, houve formação de anticorpos, coisa que nós estamos confirmando agora com a imunologista aí, houve formação de anticorpos e eles não morreram. Então, agora nós estamos tirando isso a limpo. Por que vocês estão preocupados com isso? Porque usando o animal para fazer o soro antiofídico, injetam doses de veneno que às vezes matam o cavalo ou produzem lesões muito graves. Então, se a gente puder dar antes um chá de uma planta ao cavalo, a gente vai poder conseguir dar uma dose maior de veneno e obter um soro com mais anticorpos. Então, esse é o nosso objetivo no momento.

TF - Mas isso é aplicado como? Quer dizer, daí para uma indústria farmacêutica ou o Estado adquirir essa produção...

Fita 2 - Lado B

NP - Bom, nós estamos atualmente pensando nisso, aproveitar esses recursos. Como? Vocês estão pensando. Lógico e evidente que, embora mato exista em todo lugar e nós temos selecionados já umas dez plantas que tem atividade antiofídica, mas pode ser que o sujeito vá para um lugar e nesse lugar não tem. Eu fui uma vez perguntado: “Eu tenho um sítio lá,

¹² JUTAÍ: Árvore da família das leguminosas (*Hymenaea Courbaril*). É uma árvore brasileira encontrada em várias partes do nosso país, dotada de incontestáveis virtudes médicas. Sinonímia: Jatobá, Jataí, Jetaí, Jassaí, Jataíba. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. RJ, ed. Nova fronteira, 1986.

qual é a planta que vocês...” “Você tem erva-botão¹³ lá?” “Ah, erva-botão tem.” Então tem o medicamento, se você for acidentado, você tem medicamento. Em Xerém tem Jutai. Tem as plantas... Um paliativo que dá para você 8 horas, depois você conseguir medicação, melhor é alcachofra¹⁴. Alcachofra tem remédio pronto, você toma alcachofra e resolve. Então...

TF - Alcachofra antiofídica que o senhor está dizendo?

NP - Não é usado como antiofídico, mas é antiofídica, só que não dá o efeito, ela retarda o efeito tóxico do veneno, umas 6 a 8 horas. Então dá tempo para você tomar uma providência maior. Então, o que nós estávamos querendo ver... as substâncias que nós já sabemos que tem atividade, só que existe uma coisa interessante, a planta é 100%, o que você extrai da planta é 40%, 60%, 70%. Então nós queremos ver o que temos que reunir da planta para fazer o que a planta tem para fazer um comprimido. Você vai dizer, por que o comprimido? Porque a pessoa pode levar o “negócio” no bolso. Leva o comprimido no bolso, tem estabilidade, não é como o soro e ele pode usar... A nossa idéia com o professor Walter Mors é ver o que é que a gente tem que misturar para conseguir um produto que numa cápsula tenha atividade antiofídica razoável. Lógico e evidente, a gente já sabe que a planta tem, a gente já sabe o que é que a gente tira da planta, por exemplo, Jutai que eu citei. Se você der o chá de Jutai nenhum animal morre, você dando uma dose que mata todos os animais de veneno de Jararaca, nenhum morre. Agora, se você começar a racionar, faz o extrato equizâneo, o extrato equizâneo só protege 70%, o que sobrou do extrato equizâneo só protege 40%. Então, a gente tem que ver o que é que nesses 70% tem, o que é que nesses 40% tem para juntar (inaudível), não o chá. Lógico, você pode fazer o chá, tem o Nescafé aí, que seria o exemplo, você levar o chá para dissolver na água e tomar, mas não seria razoável. O razoável é tentar fazer uma mistura que você tenha as mesmas qualidades... Por que é que você tem essa esperança? Vocês já ouviram falar no Específico Pessoa? Específico Pessoa é um produto fabricado por Eustáquio Pessoa, um farmacêutico no interior do Ceará que, observando o que as pessoas usavam para o acidente de cobra ele fez, misturou isso tudo e fez o que ele chama de Específico Pessoa. Esse “negócio” passou a ser um segredo do Eustáquio Pessoa, vendido (inaudível). Quando ele faleceu, as herdeiras dele cederam os segredos do pai a um mosteiro em Sobral. Então os padres lá em Sobral continuam fabricando Específico Pessoa. Agora eles fazem a gente confessar, mas eles não confessam... “Reverendo, o que é que tem em Específico Pessoa?” Eles não dizem. Nós já conseguimos identificar 5 plantas que entram no Específico Pessoa e, na verdade, Específico Pessoa é ativo. Na minha experiência aqui no laboratório, protegeu 100% os animais, doses dependentes. Dando doses diferentes eu consegui que os animais não morressem com Específico Pessoa. Então, na verdade, Específico Pessoa... e é muito usado, por exemplo, lá na Amazônia, chega até assim... o governador dar verba especial para importar o Específico Pessoa. Lógico e evidente, que isso aí tem falsificações, então eu não sei se os fracassos são devidos às falsificações; porque como a gente não sabe exatamente a fórmula do Específico Pessoa, pode ser que seja... O Específico Pessoa foi comprado em Fortaleza por dois pesquisadores que nos Estados Unidos conseguiram isolar duas substâncias que tem atividade contra o veneno de cobra, da Jararaca

¹³ ERVA-DE-BOTÃO - Pequena erva da família das compostas (*Eclipta alba*), de flores alvas e folhas pequenas e sésseis, usada pelo povo como medicamento caseiro; agrião-do-brejo. Dicionário Aurélio.

¹⁴ ALCACHOFRA: Planta hortense da família das compostas (*Cynara scolymus*). FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. RJ, ed. Nova Fronteira, 1986.

americana. Ele, como o Específico Pessoa naquela hora... “enchi de cabeça-de-negro¹⁵”. Então eles botaram o nome de Cabenegrina-1 e Cabenegrina-2. Foram tapeados porque não tem “cabeça-de-negro”, no Específico Pessoa não tem. Simplesmente, eu acho que o Eustáquio, para confundir o pessoal, botou “cabeça-de-negro”. Nós sabemos agora qual a raiz de cobra que entra no Específico Pessoa, porque a substância extraída pelos americanos, japoneses e americanos, foi extraída dessa planta. Então nós já sabemos qual é, mas acredito que a mistura do Eustáquio é importante. Na nossa experiência nenhuma substância sozinha tem efeito. No “erva-botão”, que a gente encontra por aqui, tem a velelactona. A velelactona protege para alguns efeitos tóxicos do veneno de cobra, a hemorragia, trombose, liberação da (inaudível)... Às vezes a lactona é ativa, mas na DL-50 ela não é ativa, não é tão ativa; então não é a velelactona. Então a nossa idéia é aproveitar essas coisas que protegem um pouco e misturar. A planta tem ciúme do que ela faz, se ela só faz velelactona, a outra só faz cistoterol e quimicetina. Então pegar o segredo de uma, o segredo de outra e misturar. Esse é o nosso objetivo no momento para conseguir... Qual é a dificuldade? Lógico, a nossa dificuldade é injetar veneno de Jararaca na senhora e a senhora ter confiança e tomar o nosso comprimido. Como isso vai ser? Então nós estamos tentando entrar em contato com pessoas que trabalham em zonas onde há acidente ofídico para um dos recursos ser... usar essa preparação. Em animais nós já temos experiência, agora... em animal é importante, que é o... Lá, quando nós estivemos em Botucatu conversando com o pessoal lá, do centro de acidentes ofídicos, eles têm muitos acidentes de cachorros, muitos acidentes de ovelhas, que eles não têm coragem de gastar soro antiofídico, porque o soro antiofídico é preciso para humanos. Então, às vezes, o veterinário lá diz: “olha, às vezes nós deixamos o animal morrer para não gastar 4, 5 ampolas de...”. Lógico, a gente fica com pena do cachorro morrer quando foi mordido de cobra, mas... Então nós estamos tentando fazer com que eles se interessem em usar a nossa associação nesses tipos de acidentes para economizar o soro, até para economizar o soro. A idéia...

TF - Existe algum tipo de relação, por exemplo, nesse caso específico do soro antiofídico (inaudível), mas com relação a outras pesquisas que vocês têm feito, existe algum interesse da indústria farmacêutica nacional ou internacional de transformar essa pesquisa numa pesquisa aplicada diretamente? Uma outra pergunta: quando vocês investigam uma determinada planta, optam por um determinado estudo, vocês já estão deslumbrando, olhando para adiante, se aquilo vai ser utilizado ou não vai ser utilizado, ou pela própria planta já é o interesse do pesquisador?

NP - Eu estava até me esquecendo desse fator, atualmente existe. O professor Ricardo Laenet está com um projeto de pesquisa do interesse do laboratório. O laboratório está interessado, ele nem...

¹⁵ CABEÇA-DE-NEGRO: Arbusto da família das anonáceas (*Anona coriacea*), de flores amarelas, carnosas, e bagas compostas, e cujas sementes são tidas por anti-diarréicas. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. RJ, ed. Nova fronteira, 1986.

CABEÇA-DE-NEGRO: Caput Nigri; família das curcubitáceas. Sinonímia: Cabeça-de-negro, cabeça de moleque, Tejuco. O caput nigri é classificação de botânica farmacêutica. É trepadeira, agreste no Brasil, abundante no sertão. É poderoso antissifilítico, antiescrofulose, anti-diarréico e antifebril. CRUZ, G.L. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. RJ, ed. Civilização Brasileira, 1982.

TF - Uma solicitação do laboratório a ele, é isso?

NP - O laboratório financia o estudo, aquele “troço todo”. Lógico e evidente, se der algum resultado, ele nem sabe se vai dar ou não, ele exploraria. Então estava havendo esse interesse e há o interesse dirigido. Aquele americano... do Específico Pessoa patenteou, patenteou... só que patenteou errado. Ele patenteou a planta errada, “cabeça-de-negro”, não é “cabeça-de-negro”, então ele errou, ele pode ter... Nos Estados Unidos precisa fazer isso, ele patenteou, mas patenteou errado. Não é “cabeça-de-negro” que tem a Cabenegrina 1 e a Cabenegrina 2, é uma leguminosa e essa... a “cabeça-de-negro” é uma morfobiáxica que não... Tem, lógico e evidente, ela tem fama de... aquela história do lagarto lá na igreja de N. Sra. da Penha, tem um lagarto e uma cobra, o lagarto brigando com a cobra, ia lá comia uma raiz, raiz de “cabeça-de-negro” e depois ia brigar com a cobra novamente. Então tem esta história que está até assim dita, mas não é a substância principal, pode ser... Nós não usamos aqui “cabeça-de-negro” nos nossos ensaios porque algumas das substâncias que existem na “cabeça-de-negro” são consideradas tóxicas, então, podia o animal não morrer do veneno, mas morrer da cura. Agora, eu falei tanto em Moussatché, o Moussatché está interessado em planta antiofídica, por causa do problema... ele está mais interessado na cuíca, na gambá. A gambá não morre quando a cobra morde ela porque no soro da gambá existe proteína antiofídica, essa é a linha de pesquisa do dr. Moussatché atualmente.

TF - O senhor não me respondeu essa relação que eu estava tentando fazer, da relação do conhecimento e uma pesquisa mais aplicada, se existe essa demanda, se vocês procuram...

NP - Olha, o problema todo é o seguinte, a legislação atual exige que sejam feitas experiências em humanos, sem pesquisa clínica você não registra nada. Então, nós estamos tropeçando nisso. Como fazer um ensaio... a não ser que tenha algum hospital, esse é o contato do Professor Walter Mors, está tentando ver hospitais em regiões onde existem muitos acidentes com cobra e que lá ele se prontifique a fazer esse ensaio ou então alguma firma que se interesse em fazer esse “troço” que não é (inaudível). Agora, por exemplo, nós estamos sabendo aí que no Recreio dos Bandeirantes, o hospital lá da Barra atende um ou outro acidente de ofídico e o Professor Walter Mors falou lá com o diretor do hospital, ele mostrou-se muito interessado. Há dois meses que eles conversaram, até hoje não passou do interesse... porque lógico e evidente, ninguém quer assumir a responsabilidade de em vez de dar soro antiofídico dar um comprimido. Isso aí é um problema sério (inaudível). Planta hipoglicemiante é mais fácil, existem vários produtos registrados e agora, por exemplo, eu estou...

TF - Por exemplo, as outras plantas, mesmo que não sejam plantas de aspecto mais voltado para o antiofídico, com outras ações, vocês fazem essa relação?

NP - É...

TF - A partir de financiamento, por exemplo, CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], CAPES [Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], enfim...

NP - Dizer que não há interesse... há interesse grande. Por exemplo, pesquisadores chineses estão muito avançados em plantas que tem substâncias para tratamento da asma, paciente asmático, eles estão muito adiantados. A China não tem patente. Então, o que os pesquisadores fizeram? Se associaram com laboratório americano, então (inaudível) estão nos Estados Unidos. Quando eles chegarem ao derivado ativo na asma, nós já sabemos mais ou menos o que é. É uma lignana, agora como existem milhares de lignanas, saber qual... (inaudível), por exemplo, atividade antiespasmódico¹⁶, é provável que melhore o paciente com asma. Então, eles estão fazendo isso, pesquisas nos Estados Unidos, quando chegarem os resultados patenteiam. O problema todo é esse, você investe, qual é o retorno que você tem. Aqui na Universidade não é fácil se chegar... O hospital aqui, Clementino Fraga¹⁷, ele tem que atender o caso, ele não vai... se chegar um sujeito mordido por cobra, ele resistir... O professor Parente tem uma idéia do que deve ser estudado, plantas que são ativas na AIDS, mas eles não querem tentar. Por que não tentar? Também tem aquele “negócio”, esse paciente, tem alguma coisa a prometer para ele? Não. Não existe nada que prolongue a vida, ele vai morrer, paciente aidsético morre; então não custa nada tentar alguma coisa. Tem um paciente aí, não sei, não tenho notícias dele, ele ia morrer naquela semana, aí a médica disse: “bom, tá bom, Parente, eu vou dar isso a ele”. Até dois meses atrás ele estava vivo, com planta. Mas é esse caso, o sujeito não... Eu acho que as plantas que são suspeitas de serem benéficas ao paciente com AIDS, eu acho que deveriam ser experimentadas porque você não tem coisa melhor. Enquanto que para algumas doenças você tem coisa melhor, para AIDS você não tem nada melhor, a não ser prolongar a vida, evitar a contaminação, as infecções associadas, fora disso você trata...

TF - Mas houve essa comprovação laboratorial?

NP - Comprovação clínica.

TF - Já está havendo a clínica, esse caso que o senhor citou aí...

NP - É, isso aí, o Parente tem umas idéias, a gente acha até que ele é meio... Mas ele tem umas idéias e conseguiu convencer, não todos os médicos, uma médica convenceu, ela já passou essa idéia ao Gaffrée e Guinle¹⁸. O Gaffrée e Guinle também tem um centro de tratamento de pacientes aidséticos. Então, eu não sei em que pé está esse problema, mas que ele conseguiu até agora, não sei se tem mais de um, mas teve um que ia morrer naquela semana e não morreu. De forma que existe alguma esperança nisso aí. Agora, o problema todo é esse, tem algum laboratório interessado? Lógico que deve ter laboratório interessado, porque alguma substância que seja ativa contra a AIDS é sucesso absoluto. Tanto que os chineses passaram da China para os Estados Unidos por causa do problema da asma, que é outro problema também que... como é uma doença cíclica, a pessoa... até homeopatia cura: “ah, tomei homeopatia fiquei bom da asma”. Daqui a dois meses está ele lá... é cíclico o problema da asma; mas se você conseguir as substâncias, já existem algumas substâncias que são (antiespasmódica), deve ser uma substância (antispasmódica) que seja capaz de fazer isso. É esse laboratório que está tentando aproveitar o professor Ricardo (Laenete), eu dei a

¹⁶ ANTIESPAMÓDICO - Que, ou substância que evita ou alivia os espasmos. Dicionário Aurélio.

¹⁷ Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCF - UFRJ)

¹⁸ Hospital Universitário Graffrée Guinle (HUGG / UNI-RIO)

idéia que pode ser uma das substâncias que seja ativa contra a asma, porque o professor Bruno Negreiros, que faz doenças alérgicas, ele pediu ao professor Lauro, eles são colegas de turma: “Lauro, você precisa usar essa planta aí...” “Por que, Bruno?” “Porque toda vez que eu saio por esse Brasil dando conferência, alguém me pergunta: você já usou Umbaúba¹⁹?” Umbaúba é usado, agora não existe muita coisa sobre Umbaúba, quer dizer, não há dúvida nenhuma que não existindo nada pode ser que tenha alguma coisa. A pesquisa de plantas se baseava em alcalóides, depois em glicosídeos, agora em flavonóides, agora em lignanas. Então, quem sabe que essas coisas que foram deixadas para trás... Tanto que a primeira substância extraída de planta com o uso foi a morfina, depois uma série...só do ópio: morfina, papaverina, moscapina, a estricnina; e agora por exemplo, problema do paciente de Alzheimer. A doença de Alzheimer, você sabe que quem abriu o interesse para o estudo de produto natural foi uma planta, (inaudível) venenosa, tem a (inaudível). A (inaudível) é uma das substâncias que consegue melhorar o paciente com Alzheimer, atuam em receptores nicotínicos que estão relacionados até agora, estão relacionados com o problema da perda de memória do paciente com Alzheimer. Então existe um levantamento feito pelo Schultz na região amazônica, uma série de plantas que eram usadas, os naturais, os ameríndios usam em pacientes com demência, a gente vai ver que são plantas que têm atividades nicotínicas. Então o negócio é aí, tanto que eu estou com um alcalóide de uma planta que é minha parente, o “Pau Pereira²⁰” (risos), que é uma planta muito usada popularmente, mas ela tem um alcalóide, a (inaudível), que eu acho que vai ter alguma atividade, porque ela tem uma atividade anti (inaudível) fraca como é a (inaudível). Ela deve atuar lá onde a gente quer. Está aí, o alcalóide aí esperando que... uma pessoa que foi orientada comigo no mestrado, a Edna, que está fazendo doutorado... não, terminou o doutorado nos Estados Unidos. Ela trabalha em receptores nicotínicos relacionados com a doença de Alzheimer, vou ver se ela descobrir ela vai entrar na minha família com o Pau Pereira. Na (inaudível) existe uma esperança que seja... eu tenho esperança. Também você vai dizer: já foi estudado? Não, nesse sentido não foi estudo e o Pau Pereira é interessante, os alcalóides do Pau Pereira têm atividade cularizante e tem a (inaudível) que é descularizante. Então, você pega trabalhos antigos, em que não se purificava muito as substâncias “Ah, isso não culariza! Ah, isso culariza!” Lógico, esse que culariza e este que desculariza, quando você junta os dois não tem efeito cularizante, o pessoal não sabia que...

TF - Um inativava o outro...

¹⁹ UMBAÚBA: *Cecropia Peltata*, Velloso. Família das Urticáceas. Planta do Brasil que medra, também na América Central. Possui um alcalóide, semelhante nos seus efeitos terapêuticos à *Digitalis*, talvez mais enérgico, que estimula a função do coração. É aconselhado no tratamento da bronquite, tosses, coqueluche e outras afecções das vias respiratórias. Sinonímia: Baúba, Imbaúba, Ambaúba, Imbaíba. CRUZ, G.L. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. RJ, ed. Civilização Brasileira, 1982

²⁰ PAU PEREIRA: *Geissospermum Vellozi*, Freire Alemão. Família das Apocináceas. Este espécime é uma árvore brasileira que se eleva a grande altura, medrando mais freqüentemente nos Estados do RJ, MG, Bahia, Goiás, Mato grosso e Espírito Santo. Há mais de um século, extraiu-se deste vegetal uma substância - a pereirina - seu alcalóide e princípio ativo. Sinonímia: Camará de Bilro, Pau Forquilha, Canudo Amargo, Camará do Mato, Pau Marfim. CRUZ, G.L. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. RJ, ed. Civilização Brasileira, 1982.

NP - ...um inativava a atividade do outro. Então é importante isso, eu acho que a (inaudível) deve ser estudada... Agora eu falei com a Edna há mais de 2 anos, agora ela está interessada na (inaudível), ela está interessada...

Data: 27/11/1996

Entrevistadores: Tania Fernandes (TF) e Lina Rodrigues

Fita 3 - Lado A

TF - Entrevista com o prof. Nuno Alvares Pereira, 27 de novembro de 1996. Continuação da entrevista para a casa de Oswaldo Cruz pelo Projeto: “História e Memória da Pesquisa da Ciência sobre Plantas Medicinais”.

TF - Professor, retomando a nossa entrevista, nós havíamos parado numa conversa sobre a pesquisa do prof. Moussatché que o IOC [Instituto Oswaldo Cruz] estava fazendo com plantas antiofídicas e com trabalho de alcalóides com pacientes de Alzheimer. Queria que o senhor retomasse essa pesquisa do prof. Moussatché e nos colocasse qual a relação daquilo que o senhor trabalha e com o IOC e particularmente com Moussatché?

NP - Você vai perguntar ou eu...

TF - Eu já fiz a pergunta.

NP - Bom, na verdade, o período de aprendizado com o dr. Moussatché foi muito importante para a minha vida. Eu já tinha trabalhado no laboratório do prof. Gilberto Villela que já relatei; isso foi importante porque eu aprendi a ser servente de laboratório, eficiente servente de laboratório, cuidar de camundongos e pequenas cirurgias. Então isso foi importante... Quando eu fui trabalhar com o dr. Moussatché já era para fazer alguma coisa. O primeiro trabalho importante que eu tive foi uma tese de doutorado que eu fiz com... Praticamente, no laboratório do dr. Moussatché, nós tivemos que resolver muitos problemas que apareciam, até por exemplo, aprender a fazer hipofisectomia em rato, não naquela explicação de duas, três linhas que aparecem nos trabalhos científicos. Pegar o rato e ir até tirar a hipófise. Isso foi importante. Agora, sempre o prof. Moussatché se interessou muito por problemas de tratamento antiofídico, e ele sonhava em conseguir explicar porque que o gambá não morre mordido por cobra. Isso tem até novelas dizer que o gambá é mordido por uma cobra, vai lá, come a raiz de um mato, “aquele troço todo”. Isso aí... a imagem da N.S. da Penha associa esse problema a pobre, o gambá, o camarada lá e a santa lá protegendo o indivíduo, então é essa história. E o Moussatché verificou que de fato a gambá e marsupiais brasileiros são resistentes a venenos de ofídicos...

TF - O cavalo também? O senhor falou da história do cavalo com a...

NP - Não, aí é uma aplicação disso. Então o problema... e ele verificou isso. Continuou esse trabalho quando estive na Venezuela, continuou; aí teve a oportunidade de ver outros marsupiais e verificou que era uma constante esse problema e ele voltando para o Brasil, ele deu continuidade ao trabalho tentando isolar do soro do gambá a fração peptídica que protege do veneno de cobra. Ele parece que fez com a jararaca e com a cascavel. Eu não sei em que pé está agora, porque identificar uma proteína não é muito fácil; então ele gera uma proteína que ativa, “aquele troço todo”. Bom, qual é a aplicação prática disso? É difícil saber porque,

lógico e evidente, a gente não pode injetar soro de gambá em ninguém para proteger do veneno de cobra (risos), então seria um..., mas é importante cientificamente. Talvez por causa disso, eu ouvi falar que tinham plantas antiofídicas e trabalhando com o dr. Moussatché e o Walter Mors nós fizemos uma relação de plantas antiofídicas. Fizemos uma publicação relacionando aquelas plantas que o vulgo diz que é antiofídica. E... de repente, apareceu uma oportunidade de orientar alguém no mestrado de farmacologia e eu escolhi como tema uma planta que tivesse propriedade antiofídica. Como já existia no problema do Específico Pessoa, um preparado que existe, vendido em todo o Norte do Brasil contra acidentes ofídicos. Esse Específico Pessoa, preparado por um farmacêutico no interior do Ceará, e é mais ou menos segredo. Segredo que passou do Eustáquio Pessoa para as filhas e as filhas passou para os padres em Sobral e a gente não sabe exatamente quais as plantas que entram nesse Específico Pessoa. Sabe que são várias plantas, como aliás é interessante, depois nesse... quando nos metemos nesse assunto, nós verificamos que dificilmente uma planta só tem uma atividade antiofídica boa; quase popularmente no mundo, em regra o que eles fazem, associam duas, três ou quatro plantas. Então o Específico Pessoa foi um conhecimento do Eustáquio Pessoa verificando que uma planta só não tinha a mesma eficiência...

TF - Específico Pessoa é um remédio?

NP - É um remédio. Só que exatamente, como é segredo, como a legislação brasileira não permite você fabricar medicamentos em segredo, então ele não é registrado na Saúde Pública. Ele existe, é produzido, é vendido, mas não está legalmente, porque o Eustáquio Pessoa escondeu as plantas que entram. Mas esse produto... esse Específico Pessoa estudado nos Estados Unidos, isolaram duas substâncias ativas, dois pterocarpanos: a Cabenegrina 1 e a Cabenegrina 2. Essas Cabenegrinas são dois pterocarpanos, que tem uma estrutura penilada muito interessante e o interesse... aí a parte... Os pesquisadores nos Estados Unidos foram enganados pela bula do Específico Pessoa porque dizia que a planta que entrava era o extrato de “cabeça-de-negro”. Então ele botou, se é “cabeça-de-negro” chamou a substância misturada com a Cabenegrina 1 e Cabenegrina 2. Como ele não é um especialista na área, ele não sabe que a “cabeça-de-negro” é uma morfobiácea... Bom, é uma curcubitácea e pterocarpano não ocorre com curcubitácea. Ele devia já desconfiar. Bom, não é (inaudível), é uma outra... E na verdade, consultando a literatura, eu vi uma planta brasileira que tinha pterocarpano, tinha flagnóides e tinha pterocarpano e às vezes a gente diz que é sorte, não sei, pode ser que seja sorte. Essa planta já tinha sido estudada biofitoquimicamente; então já existiu os 10 flagnóides, os 2 pterocarpanos, o citocerol, todas as coisas que hoje nós sabemos que foi importante para atividade antiofídica. Antes nós não sabíamos, hoje nós sabemos que é importante. E dei para uma tese... ser feito uma tese com apuléia leocarpa. Apuléia leocarpa é uma leguminosa e essa apuléia leocarpa é conhecida como Jutaí, então... por não confundir com jataí que é outra coisa, é Jutaí. Foi feita uma tese, a coisa fantástica é que o chá a 10% do Jutaí protege contra o veneno de jararaca todos os animais, nenhum morre; todos os animais ficam protegidos contra o veneno de jararaca. Então foi o primeiro sucesso, digamos assim, a primeira planta a experimentar o primeiro sucesso. Esse resultado fez com que teses que foram feitas no NPPN [Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais] que tinham substâncias parecidas com... então foram também submetidas a testes no laboratório e nós comprovamos que várias plantas que constam da relação de plantas antiofídicas, na verdade, tem propriedades antiofídicas, não tão fantásticas como o Jutaí, não, mas tem atividades antiofídicas. A outra tese que foi feita no laboratório mais ou menos na mesma ocasião, foram

selecionadas dez plantas, dessas dez plantas foram submetidas a ensaios como atividade antiofídica e todas elas tinham, mais ou menos, atividade antiofídicas. Ficou comprovado nos Estados Unidos e no Brasil que existem plantas com atividades antiofídicas. O professor Paulo, aqui no departamento de farmacologia, ele está trabalhando também com veneno e plantas, mas ele já está trabalhando com substância pura. Então ele não vê atividade antiofídica letal, ele vê antiofídica hemorrágica, anticoagulantes; então, isso aí... efeitos, a destruição do tecido com liberação de (inaudível). Então ele vê efeitos provocados pelo veneno e ele não se interessou se morre ou não morre exatamente porque trabalha com músculo; ele mata o camundongo, tira o músculo e faz o ensaio nesse músculo. Então, lógico e evidente, o camundongo já está morto aí. Esse trabalho ficou interessante, nós estamos prosseguindo agora porque em virtude dessas experiências resultarem animais que não morriam, o laboratório ficou cheio de animais que não morriam. Então, o que fazer com esses animais? Matar só por matar eu achei que não seria interessante, não teria... Então eu falei com a Betina: “Oi Betina, aplica a dose de veneno que mata, que pelo menos a gente tem um grupo maior de animais sabendo que eles morrem com veneno de jararaca”. Aí eles não morreram. Não morreram porque pelo que nós estamos vendo agora, essas plantas protegem da morte, mas não impedem que haja formação de anticorpos. Todos os animais, digamos assim, ficam vacinados contra o veneno... Nós temos experiência só com veneno de jararaca. Isso aí é uma coisa que nós estamos prosseguindo agora dosando o teor de anticorpos em animais que se injeta venenos de jararaca e ele é protegido por uma das plantas. Nós achamos isso interessante porque na própria obtenção do soro antiofídico o veneno é injetado em cavalos; então às vezes o cavalo é sacrificado, morre por causa do veneno. Então se você conseguir protegê-lo da morte sem influir na formação dos anticorpos eu acho que isso aí vai ser um resultado interessante. Isso aí é a parte útil dessa pesquisa que nós estamos. Então nós estamos com intenção de desenvolver um produto farmacêutico, por exemplo, que possa atuar em pessoas que são obrigadas a entrar no mato e corre o risco de acidente antiofídico. O que eu posso acrescentar sobre isso é que o Vital Brazil quando se formou em Medicina foi trabalhar em Botucatu e lá, na época que Vital Brazil foi para lá clinicar, havia muitos acidentes com mordida de cobra e ele sem saber... “olha, o que eu vou fazer?” Então alguém “oh, professor, porque o senhor não dá guaçatunga²¹, casearia silvestris”. E ele deu guaçatunga a um colono imigrante italiano que estava quase morrendo, que tinha sido mordido por jararaca e esse imigrante três dias depois estava trabalhando. É interessante que o Vital Brazil obteve um ótimo resultado com planta, ele resolveu fazer o moderno, resolveu fazer o soro. Então ele foi para São Paulo, preparou o soro e ele, eu acredito, eu acho que o Vital Brazil foi o culpado de ter se parado as pesquisas com plantas. Ele que obteve um bom resultado com plantas foi responsável... para as pessoas acreditarem no soro, na verdade, o soro antiofídico é... Agora, o problema que nós achamos é que às vezes onde existe cobra não existe soro antiofídico, existe a planta. Existe a tese, uma tese de um farmacêutico francês que ele procura explicar que onde existe a cobra existe alguma planta contra aquela cobra; então ele relaciona esse tipo de coisa. Então, lógico, eu acho que o Vital Brazil se tivesse desenvolvido a aplicação da casearia silvestris, que na verdade, no nosso laboratório foi uma das mais ativas contra... a plena proteção dos camundongos, contra o veneno, ele teria conseguido um bom resultado, não tão bom naturalmente quanto o soro, não vou criticar o

²¹ Guaçatunga: Planta da família das flacurtiáceas (Casearia Silvestris). FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. RJ, ed. Nova Fronteira, 1986.

soro. O problema do soro é que tem um prazo de validade, é injetável e tem uma série de problemas que fazem que o soro seja eficiente, mas limitante o seu uso. Eu tive informação outro dia, que um batalhão de fronteira, o comandante resolveu não entrar no mato com aquele exercício na selva porque na farmácia da unidade militar não tinha soro antiofídico, porque não quis se responsabilizar em levar os soldados para o mato sem ter... se houvesse um acidente com mordida de cobra ele não teria. E nós estamos sonhando conseguir uma pílula, um comprimido que resolva o problema. Porque natural ele sabe, ele bota na cachaça a planta que ele acredita que seja antiofídica, então a gente não sabe se ele toma a cachaça de vez em quando porque pode ser mordido pela cobra ou se toma como remédio prévio, porque na verdade a planta atua muito melhor previamente, isso aí é também uma noção em todo mundo que é...

TF - Porque fica a substância circulante no organismo, seria isso?

NP - É, porque o veneno atua muito rápido e produz efeitos tão violentos que se você tomar o remédio depois... já o soro naturalmente age contra o veneno e a planta, acredito que atua contra o efeito do veneno. Esse é o problema que faz com que a planta tenha que ser tomado preventivamente. Mas as pessoas estão acostumadas, quantos remédios a gente toma, um comprimido de manhã, outro ao meio-dia e outro a noite. Então, simplesmente, você tendo um comprimido que seja eficiente você fará isso. É interessante, por exemplo, quando nós estávamos começando esse tipo de trabalho, houve um congresso em Belém, no Pará, e ele teve um grupo de pesquisadores chineses que apareceram lá e alguém perguntou, lógico, perguntou em inglês, porque em chinês não adiantava nada, perguntou: “você usam alguma coisa contra veneno?...” “não, usamos...” Ele abriu a bolsinha e tirou um comprimido. Então, na China existe remédios contra mordida de cobra. Uma das plantas que o Paulinho está estudando, onde é extraída a velectona, a Eclipta Prostata, ela é antiofídica na China e no Brasil. Interessante que esse conhecimento das propriedades antiofídicas é idêntica. A planta existe na China e era usada como antiofídica e no Brasil é usada como antiofídica. Então a nossa esperança é conseguir um... o problema sério é que, como a gente vai fazer ensaios em pacientes? Qual é a pessoa que tem coragem de ser mordido por jararaca e depois tomar uma pílula. Acho que vai ser difícil. Existem alguns lugares que voluntários poderiam até se submeter a isso, agora no Brasil, isso aí seria difícil. Então o que a gente está procurando é ir em locais onde exista acidentes ofídicos, você ter o medicamento para ser ensaiado. Nós estamos tentando passar agora para animais de porte maior, quer dizer, cabritos, cachorros, “aquele troço todo”. Também os acidentes com cobra nesse tipo de animal ocorre com muita frequência, porque não se pode passar imediatamente para humanos, porque qual é a pessoa que ia ter coragem de tomar um comprimido “não, você agora pode deixar a jararaca morder...” Isso aí não vai ser possível. Acho que nem aqueles presidiários condenados a prisão perpétua não iam concordar em cortar a pena, porque o encurtamento poderia ser sepultura, digamos assim, se o produto não funcionar. Então, isso é uma dificuldade que estamos tendo, dificuldade de locais... e normalmente, em locais onde acontece isso tem sempre um curandeiro que já tem a planta dele, a planta que ele usa e é segredo, ele não diz qual é a planta, porque se ele disser qual é a planta ele perde a clientela. Então são poucas as plantas que a gente conhece, a não ser aquelas que já são muito... Por exemplo, tem uma planta que se chama “bóia - caá”, então, “erva de cobra”, essa aí não é a mais eficiente, é usada em alguns locais no Rio Amazonas, na margem do Rio Amazonas ela é abundante lá e é usada. Já o nome dela, “bóia - caá”, “erva de cobra” está ligada a utilização. Então, essa

nós verificamos que ela é ativa e agora nós estamos fazendo a fitoquímica, vendo o que é que a planta tem responsável pela atividade. Uma das substâncias que foi isolada, ativa contra veneno de cobra que é o sistoterol. Então é esse o trabalho que nós estamos fazendo, quer dizer, a gente começa com o bruto e vai vendo se localiza a parte ativa. Bom, eu estou podendo fazer isso devido ao tempo que eu vivi em Manguinhos vendo aqueles problemas. Até consulta bibliográfica que você pega um reiniciante ele não sabe abrir um livro para fazer uma consulta não sabe, até a consulta bibliográfica e agora, por exemplo, seria ótimo com aquela biblioteca tão bonita aí em Manguinhos seria ótimo. Adoro a biblioteca. Quando o Moussatché ou o professor Gilberto mandava apanhar um livro lá na Biblioteca Central lá... só a viagem... aquilo era uma viagem, naquele elevador era uma viagem. Até a viagem, até apanhar o livro, “aquele troço todo”, e aquele negócio “não, não está, está com... com quem que esse livro está?” “Está com Procópio” Acho que o pessoal dizia que o Procópio estava com pelo menos 20% da Biblioteca de Manguinhos, estava com o Procópio. Então, chegava lá no Procópio: “O senhor podia...” “Está bem, eu transfiro...” E transferia (inaudível) o outro que estava lá no laboratório dele.

TF - E hoje em dia a Fundação continua trabalhando com planta antiofídica?

NP - O professor Moussatché continua e as pessoas que..., mas não... esse é o problema... quer dizer, a Fundação não trabalha com planta, desculpe, agora eles vão iniciar um trabalho com planta. Quem trabalhava com atividade antiofídica era o professor Moussatché, que ele já está com problema de saúde, já não está podendo fazer a mesma coisa e ele já sabe a fração protéica do soro do gambá que protege contra o veneno ofídico. Agora não sei o quê que ele está pensando com isso. Lógico e evidente, que existe aquela pesquisa pura; ninguém tem pesquisa pura, a gente fala pesquisa pura assim... não é pesquisa pura, pesquisa sem segundas intenções, a primeira intenção é publicar. Então, publicou está contente. Agora, eu trabalhei na indústria farmacêutica, então a minha idéia é também se vai servir para alguma coisa, não é? Aliás, às vezes, atualmente até é bom não publicar, porque não publicando a gente pode depois se for bom patentear, se for publicado não patenteia. Então recebi uma palestra aí sobre problema de patente, então isso aí, essa nova lei, se você publica o trabalho cai em domínio público, então você não tem como patentear, e sem patente, o esforço, digamos assim, os 500 camundongos que foram mortos aqui no meu laboratório por causa do veneno, eles vão ficar assim: “ih, para quê que eu morri, para quê que eu morri...” (risos) Vão protestar. Não é o principal, para mim não é o principal, para mim o principal é que os alunos de pós-graduação aprendam e, por exemplo, o pessoal lá em Manguinhos está querendo estudar plantas; eles vieram para mim e eu disse tudo que eu sabia, aí depois me disseram: “não, você não deveria ter dito tudo, deixava assim feito o “pulo do gato”, deixava uma coisa...” Eu disse tudo porque tem coisas por exemplo, que são importantes nesse tipo de experiência. Eu acho que eu não consigo fugir da atividade de professor, acho que o importante do professor é ensinar, se eu sei, eu ensino. “Ah, mas você... depois ele tem mais...” Lógico e evidente, Manguinhos tem mais possibilidade de chegar aonde eu cheguei e ultrapassar. Manguinhos tem um biotério muito bom e pode botar os carneiros que ele tem lá, as cabras, para fazer atividade antiofídicas em animais de maior porte. Aqui não tem nem cães, quanto mais... Então eles podem até chegar numa etapa na frente, porque eles têm possibilidade disso... Eu não sei se a amizade... não é amizade, o amor que eu tenho pelo Instituto Oswaldo Cruz, se tem alguma coisa que o Instituto Oswaldo Cruz possa fazer eu fico contente, se ele pode fazer eu fico contente. Então nem pensei que eu estava, digamos

assim, ensinando o “pulo do gato” aos jovens que me procuraram, que estão encarregados de estudar. Eles estavam com uma idéia não verdadeira, não a melhor, então isso aí é... eles iam começar já não dando certo. Então eu acho que eu facilitei o início do trabalho deles. Isso foi... Mas alguma coisa?

TF - Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre a relação do departamento de farmacologia com o NPPN. Como é que vocês estão trabalhando... Por que que isso não está agrupado? Não sei se esse é um problema de (inaudível)

NP - Aí é um problema muito sério. Ninguém fala isso, o NPPN já existia na Faculdade de Farmácia, só que existia só no papel, mas já estava... a estrutura do NPPN para funcionar, do departamento de Pesquisa de Produtos Naturais dentro da Faculdade de Farmácia já existia. O pessoal esconde isso, não sei porque esconde isso, mas já existia.

TF - Antes de ser criado o NPPN?

NP - Antes de ser criado. Só que funcionava assim, o professor fazia Parasitologia fazia uma coisa, o professor de Bioquímica fazia outra...Eu fui ensinar Farmacologia no curso de Farmácia, então eu já tinha passado pelo Instituto Oswaldo Cruz. E então já era professor de Farmacologia quando eu fui para a Faculdade de Farmácia, então eu “puxava a sardinha” para esse tipo de trabalho. De repente aconteceu uma coisa que foi ruim, mas foi boa. Uma coisa que foi ruim é que politicamente eles acabaram com o Instituto de Química Agrícola, o Laboratório de Química Agrícola. Ao acabar com o Laboratório de Química Agrícola ele iria fazer rotina, isso aí, primeiro problema que a ajuda internacional que o Laboratório de Instituto de Química Agrícola... acho que era Laboratório... Bom, Instituto de Química Agrícola, recebia da Universidade de Stanford através de Djerassi, isso aí ficou. Aí o que foi, as pessoas que estavam com bolsa no NPPN... no Instituto de Química Agrícola estava no NPPN. O professor Lacage teve a idéia de formar o Instituto... o NPPN... aliás, não era NPPN originariamente, passar para a Faculdade de Farmácia.

TF - O Lacage, nessa ocasião ele estava aonde?

NP - Ele era titular de Bioquímica na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Farmácia.

TF - E era desse departamento que não funcionava ou não?

NP - Ele era da Faculdade de Farmácia. O NPPN foi instalado na Faculdade de Farmácia, foi cedido um andar...

TF - O prof. Lacage nessa ocasião estava em que departamento?

NP - Ele estava no departamento dele de Química Orgânica e Biológica. Então ele era considerado pai, porque na verdade, passou do papel para funcionar mesmo...

TF - Aí como Centro de Pesquisa...

NP - ...e já pegou aquele pessoal que tinha formação, que era de Química Agrícola para a Faculdade de Farmácia. Isso foi muito bom. O prof. Walter Mors que é meu amigo, por exemplo, criou-se uma disciplina para ele ser professor na Faculdade de Farmácia. Então ele passou a ser professor da Faculdade de Farmácia e, lógico e evidente, ligado ao NPPN. Eu fui também professor do NPPN, eu seria... haveria uma disciplina que não foi para frente, isso foi um mal, exatamente, que era a disciplina de Farmacologia, eles acharam que era importante isolar substância e determinar estrutura, que é importante. Mas hoje a gente se pergunta: “puxa! para quê que serviu aquele “negócio” que nós isolamos?” Ninguém sabe, porque não havia aplicação. Agora mudou essa mentalidade. Agora a mentalidade é isolar uma coisa e ver o efeito. Então, eu estou aposentado, não posso ir para casa porque é rara a semana que não chega alguém com problema para resolver: “Professor, o senhor podia ver a atividade disso?” Lógico, enquanto eu tiver aqui eu posso, mas não é... Então mudou, mudou porque eu sempre reclamo do pessoal... Houve, no início da fase do NPPN estudou muito a apocináceas e foi isolado quantidade enorme de alcalóide, não tem um efeito farmacológico desse alcalóide. Por que esse alcalóide era muito freqüente, todas aspidospermas tinham esse alcalóide, então quando isolava outra vez a aspidosperma: “ih, outra vez!” Pum! jogava na pia. Que não havia interesse de ver a atividade. Agora não, agora o negócio mudou, então quase todas as teses do NPPN têm um pouco de verificação de atividade. Eu estou examinando uma tese orientada pela professora Sônia, que é substâncias que foram estudadas como... no vírus, para tratamento do vírus, o Sida e o antiviral. E qual é a planta? O abacateiro, folha de abacateiro tem atividade contra vírus. Então é coisa que... Lógico e evidente, se isso fosse feito sem... a idéia, as substâncias que foram isoladas da folha do abacateiro, uma ou duas só é nova, o resto tudo já é conhecido.

TF - Estudo em geral ou especificamente?

NP - Nós não tínhamos verificado o efeito quanto a vírus, então isso foi importante.

TF - Que vírus? O senhor (inaudível) isso?

NP - Isso aí não é minha especialidade, então..., mas esses vírus comuns aí, ele tem atividade. Não é viricida, virostática é virostática até com atividade de 99%, então uma atividade muito boa. Mas isso aí eu estou dando um exemplo, mas outros exemplos poderiam ser dados dessa interrelação do NPPN com interesse de atividade. Eu estou atrapalhado aí com um jovem pesquisador lá que me pegou no laboratório e “professor, isso aqui eu acho que é excitante. Vamos ver...” Bom, vamos ver se é excitante, aí eu administrei nos camundongos, os camundongos morreram, dormiram. “Oh Davis, como que o excitante faz dormir?” “Então, o que o senhor acha?” Bom, vamos fazer atividade deprimente, se não excita deve deprimir”. Na verdade, nós estamos aprofundando essa atividade... é interessante que produz um efeito deprimente no sistema nervoso central, o camundongo dorme, mas a respiração e os batimentos cardíacos continuam normal. Isso aí é um tipo de atividade farmacológica no sistema nervoso central muito interessante. Os tranqüilizantes todos....

Fita 3 – Lado B

NP - ...agora vão passar para outra fase para ver se anula o efeito do excitante. Então está programado cardiasol e, lógico e evidente, anfetamina vai ser verificado, se esta substância anula o efeito do excitante do cardiasol e da anfetamina. Qual é o efeito prático disso? Quem sabe se não é uma substância que pode ser dada para a epilepsia. Os testes com os anti-epiléticos sempre são substâncias que bloqueiam os efeitos do cardiasol, da anfetamina, da picotoxina; são substâncias modelos que daí se parte para a aplicação em humanos. Quem sabe que desse óleo essencial não é um produto que pode ser usado para o controle das convulsões? Não sei. Bom, isso aí a gente sempre pensa na frente, pode ser até que não dê nada, mas pelo menos pode ser que dê. E outra coisa, a dra. Luci que é do Departamento de Botânica do Museu Nacional, ela está fazendo uma tese aí de uma planta que é tão tóxica que ela me trouxe a planta com luvas. Aí eu peguei a planta... “Professor! Isso é tóxico!” Tóxico nada, os camundongos tomam o chá disso e não morrem, “aquele troço todo”. Por via oral ela não é tóxica, é tóxica injetável. Então isso aí, nós estamos tentando localizar o fator tóxico, digamos assim. Agora não é o trabalho dela; o trabalho dela é trabalho botânico, mas deu resultado tão interessante que daqui a pouco a tese de Botânica passa para a tese farmacológica. Ela hoje queria que fizesse atividade anti-inflamatória... “Espera aí Luci, nós estamos aqui para ver se é tóxico, não é ver terapêutica.” Depois a gente pode ver até a terapêutica, mas no momento nós temos que apurar o problema tóxico. Não tem... isso aí são vários, (inaudível)... Acho que essas últimas teses sempre tem um pouquinho de parte farmacológica.

TF - Mas me diga o seguinte, essa relação, quer dizer, essa busca dos cientistas, dos pesquisadores de outros departamentos se relacionar com a farmacologia...

INTERRUPÇÃO

TF - Eu queria saber o seguinte, o senhor estava falando aí de algumas relações interdepartamentais entre pessoais, a pesquisadora está lá, de repente “ah, eu vou falar com o prof. Nuno...” e traz a plantinha para o senhor ver, como por exemplo agora. Essa relação, ela está formalizada, ela está acontecendo ou ela só acontece assim, o pesquisador de repente se acha (inaudível) ou a Universidade está buscando essa inter-relação mais amíúde.

NP - Olha, a nova idéia de Universidade que está sendo falada agora é a necessidade da interação da Universidade com iniciativa particular. Lógico e evidente, não de graça, porque a Universidade, o governo não pode estar sustentando a Universidade em tudo que a Universidade faz, isso que o pessoal tem que entender. Por exemplo, é muito comum os colegas daqui “Autonomia Universitária!” Tá bom, para fazer autonomia universitária eles têm que trabalhar, não é? O autônomo, dependendo do que o governo dá, não existe, não existe autônomo assim, tem que haver um tipo de prestação de serviço. Acho que a autonomia, se houver autonomia, vai ser limitada porque o governo vai pagar ao sujeito, que ele não pode nem ter um representante lá para ver se eles estão gastando dinheiro corretamente. Então, na Universidade mesmo, existe exemplos desse tipo de atividade que são muito fecundas. Nós temos a COPPE. A COPPE, todas essas obras que estão sendo feitas aí no Rio de Janeiro a COPPE tem participação; ela faz o projeto, ela vê o quê que pode, o que não pode, “aquele troço todo”. E a COPPE é um departamento ligado a Faculdade de Engenharia. Agora, o trabalho da COPPE é pago. Então a COPPE é um departamento aqui rico, uma entidade rica porque ela tem verbas devido a prestação de serviços. A Faculdade

de Farmácia, por exemplo, ela tem prestação de serviços, não tem tudo que podia ter, porque exatamente existe, problemas que algumas pessoas que acham que o favelado tem que pagar para o professor ficar aqui pesquisando. Na verdade, o pessoal não entende que quando um sujeito compra uma caixa de fósforo ele paga um imposto, esse imposto... o rico tem um isqueiro de ouro, então nem isso, nem na caixa de fósforo ele contribui para a formação. Agora o favelado não, o favelado é na passagem, na caixa de fósforo, até no cigarro, por exemplo, que devia ser proibido, no meu ponto de vista, (inaudível) devia ter um selo para tratamento do câncer, aí talvez o camarada não fumasse, se tivesse... cinquenta centavos para Fundo do Tratamento do Câncer, eu acho que aí o pessoal deixaria de fumar, porque a gente dizer que não deve fumar, não deve fumar, não adianta. Eu, esse ano aqui na faculdade, já perdeu 3 professores de câncer no pulmão, 3. Num “negócio” que tem 60 professores você perde 3 com câncer no pulmão eu acho que já é um índice razoável. Então eu acho que tem que (inaudível)... A Faculdade de Farmácia, por exemplo, tem departamento que analisa a merenda escolar, então, o departamento através da Fundação José Bonifácio, isso aí é pago, então eu acho que isso aí é importante... não é por ser o departamento da minha filha não, o departamento rico da Faculdade de Farmácia, ele dá dinheiro para consertar o ar condicionado dos outros departamentos que são contra a prestação de serviços, isso que é interessante. O departamento presta serviço, então tem dinheiro para certas coisas. Lógico e evidente, que essa prestação de serviço custa reagentes, custa..., mas isso está interessante porque o aluno estagiário aprende essas técnicas e depois ele pode ir até usar isso lá fora, faz parte do aprendizado. Agora, por exemplo, nós temos a Farmácia Universitária da Faculdade de Farmácia, se tiver oportunidade de visitar vai ver os alunos... está cheio de aluno lá, manipulando, “aquele troço todo”, tudo isso é feito... Isso eu acho que é importante, essa interação, a faculdade faz a parte bioquímica do sangue, a parte hematológica do sangue, ela presta esse tipo de serviço a comunidade e com uma taxa muito pequena ou quase nula, quem pode pagar paga, quem não pode não paga, esse tipo de coisa. Mas o aluno é beneficiado, beneficiado porque o aluno faz a prática e o dinheiro que a faculdade recebe dá para comprar os reagentes, “aquele troço todo”. Então eu acho que isso aí é importante. Eu pulei, eu passei... O NPPN existe dois grupos, um que é de síntese, então eu gosto de fazer síntese, descobrir uma estrutura, sintetizar aquela estrutura. Então esse grupo de síntese ele não gosta desse tipo de interação, de experiência, não gosta. Lógico que ele faz isso porque esse pessoal isolou e verificou que era ativo, então vale a pena fazer a síntese (risos)

TF - Quem verificou essa atividade?

NP - Hein?

TF - Quem verifica essa atividade é a (inaudível)?

NP - Pois é, e falam que eles fazem a síntese, que fazem a síntese de coisas que já foi demonstrado que vale a pena fazer.

TF - O outro grupo do NPPN [Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais] faz?

NP - O outro grupo é que pega a planta, extrai, verifica a atividade, “aquele troço todo.” Essa planta, por exemplo, que tem... que o professor Paulo está estudando... nós temos que fazer síntese, que a planta tem muito pouco (inaudível), que é a substância ativa. Então tem um

grupo que está tentando fazer síntese da (inaudível) para tornar uma possibilidade de emprego de maior quantidade porque, embora a Eclipta Prostata ou “erva - botão” seja usado como antiofídico em todo o Rio de Janeiro e proximidades, mas se você quiser usar ela largamente, você tem dificuldades porque o teor de (inaudível) na Eclipta Prostata é muito pequena, então você tem que ver... a síntese é importante para você pegar aquela molécula e tentar sintetizá-la. Isso é importante.

TF - Eu queria que o senhor falasse um pouco, esse campo, nesse campo específico de plantas medicinais, produtos naturais (inaudível), eu queria que o senhor falasse um pouquinho como é que se organiza, quer dizer, onde que vocês publicam, como são esse congressos que se realizam, mais fechados... que tem dois tipos de congressos de plantas medicinais (inaudível), tem esse que acabou de acontecer em Florianópolis e tem um outro na Paraíba que já aconteceu, não sei... como é que se organiza isso no Brasil?

NP - Não, o que houve agora recentemente em Florianópolis foi a 14ª Reunião de Pesquisa de Produtos Naturais do Brasil, de Plantas Medicinais do Brasil. Então isso aí é o 14º. Eles se reúnem de dois em dois anos; nunca deixou de se reunir e existe uma idéia de uma hora no Sul, outra no Centro e Norte. Então às vezes coincide que localmente a pessoa tem uma reunião e coincide com a reunião do Simpósio e Plantas Medicinais no Brasil, existe isso. Agora na Paraíba, na Faculdade de Farmácia da Paraíba, existe um núcleo que vem pesquisando plantas medicinais há muito tempo e às vezes eles fazem umas reuniões assim, entre um simpósio e outro eles fazem. Atualmente não é muito freqüente isso, eles estão entrando nessas coisas. Além disso, lógico, tem outras reuniões em que aparece trabalho sobre plantas medicinais, só que, nesse simpósio na Paraíba apareceram 800 trabalhos sobre plantas medicinais e nessa outra reunião aí da Sociedade Brasileira de Farmacologia aparece uma porção de trabalhos, mas sobre plantas medicina, 10, 15, 20. Então, um ou outro trabalho, ou as pessoas já deixam para apresentar... acredito que o próximo congresso que vai ser... o próximo simpósio que vai ser em São Paulo, deve ser apresentado uns 1200 a 1400 trabalhos sobre plantas medicinais, pelo número de pessoas que estão trabalhando aqui. Então esse negócio começou lentamente, existiam pessoas que estudavam plantas medicinais; mas aqui nos departamentos, por exemplo, quem insiste em estudar planta medicinal sou eu, os outros, de vez em quando entram também na jogada, mas não é comum. Então não são muitos, mas de repente houve o projeto CEME [Central de Medicamentos]; a CEME fez uma reunião prévia, patrocinou uma reunião entre químicos, fitoquímicos, farmacologistas e botânicos. Essa reunião foi muito importante, embora você diga: “o quê que rendeu isso?” De estudos rendeu pouco, mas fez com que os botânicos conhecessem os fitoquímicos, os fitoquímicos conhecessem os farmacologistas. Então eles ficaram se conhecendo. Então, quando a gente queria alguma coisa de planta, a gente corria logo ao Rizzini [Carlos Toledo Rizzini], a Graziela para resolver o problema de planta porque... para quê que você vai pegar a flora de Marsos para verificar se a planta, se você perguntando a Graziela, ao Rizzini, ao Duque, eles te dão logo a informação? Então isso foi importante. Então quando a CEME passou uma outra proposta, selecionou as 60 espécies de botânica para serem estudadas, ela já sabia que você está interessado em estudar a (inaudível), você está interessado a estudar isso... então, esses assuntos foram divididos. Mas aí, já para estudar a parte farmacológica. Lógico que parte farmacológica, sem a coleta do material, sem a parte fitoquímica não... então, aí se reuniram para fazer um trabalho melhor. A Faculdade de Farmácia, por exemplo, ficou responsável pela coleta de plantas nessa região aqui, o

professor Matos na região do Nordeste. Então, várias regiões... Por que isso? Para que se houvesse algum resultado divergente, não ser porque a cecrópia foi colhida na Bahia e o outro trabalhou com a cecrópia colhida em Minas. Então, material uniforme para o resultado ser uniforme e isso não é que proíba de se estudar outra planta, simplesmente, para que haja coerência nos resultados. Aí começou a render, tanto começou a render que meia dúzia de... acho que o primeiro simpósio de plantas medicinais tinha 20, 30 trabalhos e agora chegou a 800, porque o pessoal entendeu que, como pesquisa é uma fonte ilimitada, quer dizer, não tem limite de pesquisa. Agora, lógico e evidente, dentro dessa pesquisa você colhe resultados, inevitavelmente, colhe resultados. Quem pensou que a Embaúba que existe aqui cercando a gente, bonito, a mata, “pau de preguiça²²”, seria para hipertensão e para asma? Ninguém. O pessoal dizia, existia algum estudo? Não, não existia estudo. Agora existe algum estudo que leva a você a acreditar que a Embaúba é bom para hipertensão. Então, daqui a pouco vai sair o “negócio”, a parte fitoquímica da Embaúba. A “Espinheira Santa²³”, por exemplo, até agora eles não isolaram a substância ativa em úlcera gástrica, mas o efeito da “Espinheira Santa” é comparável a cimetidina, o tratamento da úlcera gástrica, a “Espinheira Santa” é de substituir a cimetidina; ainda não se chegou dentro da “Espinheira Santa” o que é que é responsável pelo efeito idêntico a cimetidina.

TF - Ela é usada popularmente?

NP - Hein?

TF - A Espinheira Santa é usada popularmente?

NP - Há muito tempo. Não se chamava cancerosa a “Espinheira Santa” se ela não tivesse efeito e agora esse efeito está comprovado até clinicamente, clinicamente está comprovado. O estudo comparativo entre a cimetidina e a “Espinheira Santa” comprovaram que a “Espinheira Santa” dá um resultado idêntico a cimetidina.

TF - Eu digo assim, sobre o congresso de Florianópolis, qual foi a discussão assim mais acirrada, digamos politicamente... a questão das patentes, como é que ficou essa...

NP - Não, isso não foi muito discutido. O que foi discutido foi a mudança de mentalidade. O presidente do Congresso, como é o nome dele... eu falei tanto o nome que acabei esquecendo o nome do presidente do Congresso, lá de Florianópolis, ele resolveu fazer um congresso diferente. Existe entre os jovens brasileiros uma ojeriza contra multinacionais, isso é lógico, o pessoal encara a multinacional como explorador, esse “troço todo”. Então, se a gente esperasse que aquele fabricante brasileiro fizesse carros, a gente conseguiria dez carros por mês... até (inaudível), seria bom, a rua ficaria mais vazia. Eu só não gosto do carro fabricado pelo... como é o nome dele? Daqui a pouco sai o nome, porque ele não fez o motor a álcool,

²² Pau de Preguiça ou árvore da Preguiça é um dos sinônimos da Embaúba: *Cecropia Peltata*. Família das Urticáceas.

²³ Espinheira Santa: *Maytenus Ilicifolia*, Martius. Família das Celastráceas. Há extensas culturas da Espinheira Santa no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, mas também em Minas Gerais e São Paulo é cultivada. Sinonímia: Maiteno, Cancerosa, Cancrosa, Salva-vidas, Coromilho do Campo, Espinho de Deus. CRUZ, G.L. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. RJ, ed. Civilização Brasileira, 1982.

eu acho que ele devia começar... ele fez o motor a gasolina, o carro é muito bom, mas ele devia fazer o motor à álcool, porque o motor à álcool, o interesse no Brasil é o motor à álcool e até no mundo, porque os otimistas dizem que o petróleo acaba até o ano 2040, os otimistas, e os pessimistas dizem que antes do ano 2000 acaba. É bem verdade que os pessimistas foram pessimistas demais. Mas que acaba, acaba. Você vai precisar de 10000 anos para ter uma outra formação de petróleo. Então se você começar a esburacar, esburacar, você vai acabar chegando um ponto que você acaba o petróleo e o álcool você tira do ar, então você pode... Bom, lógico e evidente, que se tirar da cana-de-açúcar é melhor, se tirar da beterraba é melhor, mas até do ar você pode fazer álcool. Então, é um combustível inesgotável, você queima o álcool, ele bota no ar coisas que você pode pegar e juntar e... então, eu acho que o combustível do futuro é o álcool. Bom, lógico e evidente, que eu cismei em ter carro à álcool, ainda não estava acertado, vivia com dor de cabeça, conserta isso, conserta aquilo, agora com o carro a gasolina não tem problema. Que a gasolina é melhor, é, mas talvez por excesso de patriotismo cismava de comprar carro à álcool. Então eu acho que isso aí a gente tem que considerar que existe o lado prático das coisas. Então lá em Florianópolis ele fez um congresso convidando pessoas, pesquisadores ligados a indústria farmacêutica, para responder o problema que até antes... para quê que serve isso? Ninguém sabia para que serve isso. Isolava, fazia a farmacologia e para quê que serve isso? Então ele convidou pesquisadores de laboratórios na Suíça, na Alemanha, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos ligados a pesquisa de produtos naturais para serem aplicados no público. Então, pesquisadores já experimentados nessa área e foi interessante, por exemplo, um dos medicamentos mais usados no mundo, você não vai acreditar que seja a pastilha Valda, mas é. A pastilha Valda é o medicamento mais usado, em volume é o mais usado, é o fitoterápico que dá a pastilha Valda, lógico e evidente, existem outros agora que são importantes, mas a pastilha Valda... E foi mostrado isso, o esforço que esses pesquisadores ligados a indústria fazem para transformar o produto natural em produto aplicável e, lógico e evidente, aí logo o problema é, se é útil vamos sintetizar, porque sem sintetizar você vai acabar com a planta... O pessoal já está com medo por causa da “Espinheira Santa”, todo mundo estão consumindo “Espinheira Santa” e usam “Espinheira Santa”, estão usando demais sem plantar, porque essas coisas que é mato... Agora lá em Florianópolis mostraram centros que estão plantando estas plantas que são mostradas, que são úteis. Então estavam fazendo, porque se não fizer isso acaba. Muitas plantas que já não existem você tem dificuldade. Isso aqui, por exemplo, antigamente... isso não, o que eles pensam que isso é, o ipecacuanha existia no Rio de Janeiro, agora não existe nem em Mato Grosso, nem em Mato Grosso existe. O problema é o seguinte, o que é útil na planta é a raiz e o brasileiro pega a planta, pum! arranca, sem ter o cuidado de deixar pelo menos um pouquinho da raiz para desenvolver outra vez. Então o professor da faculdade andou em Mato Grosso a cata de ipecacuanha, não encontrou. Ela é rara num local... Bom, ela era comum aqui no Rio de Janeiro, agora nem em Mato Grosso é comum achar ipecacuanha. Então fica o indivíduo tentando falsificar, vender coisas que não são... sabe que ipecacuanha tem um valor comercial importante, já está começando... O “negócio” está tão perigoso que a farmacopéia americana, ela bota *Cephaelis ipecacuanha* do Brasil e da América Central, eles já sabem que é difícil encontrar a ipecacuanha brasileira, é muito difícil. Então incluiu a espécie da América Central. Então, isso aí é uma coisa... Outra coisa, por exemplo, que é importante, existem plantas que conseguem fazer substâncias muito importantes e o homem não consegue fazer, ela faz e o homem não consegue fazer. Por exemplo, a vinculeucoblastina que é um alcalóide para o controle da leucemia, é importante essa vinculeucoblastina, a estrutura dela é muito complexa, você consegue fazer um

pedacinho, mas a estrutura toda você não consegue fazer e a planta faz, entre os 80 alcalóides que ela faz, ela faz a vinculeucoblastina. Só que para você extrair a vinculeucoblastina da planta, você precisa ter 4 toneladas para obter uma grama. Então isso aí é um tipo de substância que seria importante você sintetizar. A planta comum é chamada pervinca, “Maria sem vergonha”, qualquer matinho assim, qualquer jardim ela aparece, então não é por causa da... você precisa 4 toneladas de material para conseguir uma grama. Então existem pessoas que estão tentando fazer cultura do tecido para tentar aumentar a produção de vinculeucoblastina para o tratamento. A grande vantagem, se fosse a atividade da vinculeucoblastina fosse o quinino, seria impossível você usar, porque o quinino você usa meia a uma grama por dia, enquanto que a vinculeucoblastina você gasta um miligrama por semana. Se a dose terapêutica da vinculeucoblastina fosse parecida com a do quinino não adiantava nada, a pessoa “ih, isso aí é muito bom, mas...” Se você não conseguisse... a síntese é importante, eu não sou contra os colegas que se dedicam a síntese, mas síntese dessas substâncias que são inviáveis de você conseguir quantidades...

TF - Olha só professor, ainda em Florianópolis, o senhor estava ainda falando sobre o congresso... como é que foi o congresso? Essas 800 pessoas estavam mobilizadas

NP - Bom, o problema das palestras foi muito boa exatamente porque chamou a atenção que você não... O importante é você orientar a pesquisa numa utilidade dela, então... e você saber que tem alguém que se interessa a usar essa pesquisa, que é a indústria farmacêutica. A indústria farmacêutica...

TF - E a indústria farmacêutica brasileira ela compareceu?

NP - Só um laboratório lá de Florianópolis mesmo, só um. É bem verdade que os laboratórios que apareceram lá, embora os pesquisadores fossem internacionais, mas ligados a laboratórios que já existem aqui no Brasil. Mas aqui no Brasil esses laboratórios só produzem aqueles medicamentos que eles são estudados, não existe pesquisa de substâncias novas. Para dizer, por exemplo, eu não visitei, mas quem visitou o laboratório de pesquisa na Suíça, por exemplo, tem mais pesquisadores do que aqui na Universidade do Rio de Janeiro. Tudo que é produzido de pesquisa no mundo imediatamente está lá no computador.

TF - Em torno de plantas também?

NP - Tudo, lá eles não separam. Lógico e evidente, se você quiser só sobre plantas ele dá, mas todas as publicações que aparecem na revista são registradas lá e, lógico e evidente... às vezes acontece algumas coisas interessantes, são medicamentos de prateleira; substâncias que foram estudadas e não acharam nada, então guarda. De repente aparece uma pesquisa mostrando que aquela estrutura é útil para uma coisa. Aí ele tira da prateleira e pesquisa. Porque... isso eu aprendi com o professor Miguel Osório, a gente pergunta: “você serve para espinhela caída?” Ele diz: “não.” Mas pode ser que sirva para doença do estômago”. Então as pesquisas são dirigidas num sentido, de repente a pessoa vê que aquela estrutura pode servir para outra. Isso está muito freqüente, porque as pessoas... os laboratórios de pesquisa sintetizam 10000 substâncias e dessas 10000 só uma chega a ser usada, mas fica os outros que foi ensaiada naquele modelo experimental, mas se você botar em outro modelo

experimental ela pode ser útil, chama-se isso medicamentos de prateleira, está lá na prateleira, de repente o sujeito apanha lá, ensaia e vê que é importante.

TF - E a discussão sobre patente, num outro congresso que nós fomos ela estava bem fervilhante. Agora que saiu a legislação como ela foi aceita, discutida por vocês?

NP - Olha, eu, já viu que eu não tenho ambição de ganhar dinheiro com patente, depois na minha idade ia ser muito difícil, mas eu acho, por exemplo, que os sambinhas lá do... do nosso compositor, que o pessoal gosta muito, Chico, o Chico, basta ele fazer um sambinha por ano ele vive tranqüilamente de direitos autorais, é um pouco diferente, direitos autorais é um pouco diferente de patente, mas ele vive, aquilo é dele, descoberta dele e eu acho que devia haver também um tipo de gratificação para o pesquisador. De vez em quando eu sou mordido por um camundongo, eu já nem ligo mais, acho que eu já estou vacinado contra mordida de camundongo, “esse troço todo”. Já tive uma explosão de éter no laboratório, saí 5 segundos antes da explosão senão eu não teria essa cara que eu tenho aqui. Então a gente corre um risco fazendo pesquisa e no fim você tem só o prazer de fazer, mas não tem o lucro com isso, o lucro seria o reconhecimento de uma patente. Então eu acho que a patente... se o professor não tem ambição de patente, tá bom, ele publica, faz, publica; eu só quero...

TF - A discussão é, a patente sendo antidemocrática, digamos assim, a medida que ela faz com que o pesquisador resguarde a pesquisa até que ele consiga patentear e ele fica proprietário daquele saber, daquela descoberta. Tinha essa discussão em São Paulo há dez anos atrás. Ela continua?

NP - Olha, isso... vamos ver a realidade. A lei de patentes que não reconheceu patente no Brasil é de 1960. Então depois de 39 anos, 36 anos nada foi feito, nem cópia, ninguém copiou nada, não havia patente, ninguém copiou nada, nem fez nem copiou. Houve aí uns espertalhões que descobriram alguma coisa foram para a Inglaterra, foram para os Estados Unidos, foram e patentearam lá, não patentearam aqui, porque aqui não tinha patente; mas eles são, lucraram com a descoberta que eles fizeram. Esse tipo na área de medicamentos, por exemplo, existe a necessidade que o medicamento seja bom, senão não adianta lançar no mercado, um medicamento que não vai acrescentar nada, não adianta. Então tem que ser alguma coisa boa. Por exemplo, na França, por exemplo, existe uma espécie de remédio gratuito, o governo fornece medicamentos que tem bônus, 100%, 80%; nenhum laboratório na França fabrica produto que não tenha bônus, porque o próprio cliente chega lá: “dr. Isso que o senhor me receitou, tem bonificação? Ah, então não quero. O senhor receita um...”, o próprio paciente. Então se houvesse uma legislação parecida aqui, em vez da CEME estar distribuindo medicamento para todo mundo, é errado, a CEME não foi criada para dar medicamento para todo mundo, foi para dar medicamento a 60% da população que não pode comprar medicamento. Então todo...

Fita 4 - Lado A

NP - O pior é que isso aí não resultou em nada, não existe nenhum medicamento que tenha... que os laboratórios brasileiros se interessassem em fazer. Quem está fabricando medicamento

no Brasil, exatamente, são as multinacionais. As multinacionais instalaram-se aqui para fazer, porque capacidade que ele tem de fazer às vezes é limitada. Então, isso aí não lucrou. Eu acho que a lei de patente está naturalmente... Um pouco difícil é caracterizar o produto natural, o produto natural você não pode patentear a planta, a Eclipta Prostrata não é patenteada. Você pode patentear a substância isolada da planta, isso aí você pode, se você... aí não é... pelo que eu vi a patente é dada a substância e a propriedade terapêutica da substância, só a substância você não pode. Você pode registrar, digamos assim, velectona contra veneno de jararaca, aí é possível registrar, agora, velectona só, você não pode registrar (risos). Isso é... eu acredito que se houver uma boa descoberta, para ver o exemplo... Por exemplo, está aí... daqui a pouco deve estar estourando aí um medicamento obtido de planta para asma. Já pensou comercialmente o quê que é um produto para asma? Eu trabalhei na farmácia com o meu pai, meu pai avisava: “vê se tem o soro antiasmático (inaudível) vê, porque o tempo esfriou daqui a pouco começa...” E era verdade, a tática que ele tinha, daqui a pouco chegavam as pessoas procurando o soro antiasmático de (inaudível) ... “ah! ah! Me aplica...”. Então, isso aí é uma coisa terrível, o asmático não tem jeito... Coisa que 100% até agora não tem, alivia a asma, aí sim, alivia a asma, alivia. Alguns (inaudível) para o coração. Agora, o grupo que está mais adiantado nessa pesquisa de lignanas com atividade antiasmática são os chineses. Não existe patente na China, então, o quê que eles fizeram? Mudaram-se todos para os Estados Unidos, estão todos nos Estados Unidos trabalhando num laboratório americano, porque o dia que eles conseguirem obter uma substância importante vai ser lançado e vai ser patenteado. Olha, eu acredito que na China, entre os dois milhões de habitantes deve ter, pelo menos, uns 500 mil. Então seria ótimo, só fornecer para esses 500 mil já seria importante. Mas eles estão pensando em ter uma utilidade nisso, uma utilidade certamente para pesquisa. Pesquisa é uma coisa cara, não é barata a pesquisa não. Então, se você não tiver um retorno você não vai adiante. Um novo produto depois para ser usado, para ser entregue, você vai gastar pelo menos 400 mil dólares. Nenhum laboratório brasileiro tem capacidade de gastar 400 mil dólares e o produto depois não pega. Se ele lança um produto assim como a cimetidina, aí ele chega a comprar um laboratório americano, porque o Smith Kline comprou a Witler exatamente com o dinheiro ganho na cimetidina, que agora já não é a mesma coisa, mas ganhou tanto com um produto de sucesso que dá para você fazer pesquisa, outras pesquisas. Depois da cimetidina a Smith Kline não tem mais nada, teve uma sorte danada com a cimetidina; deu a idéia de como é a estrutura ativa, aí apareceu a ranitidina, a mitidina tem alguns pontos que é melhor que a cimetidina, então a ranitidina está sendo mais usada que a cimetidina, mas a cimetidina ficou uns 10 anos sozinha, então ganhou dinheiro.

TF - Nesse congresso, professor, como é que foi a discussão sobre a farmacopéia? (inaudível)

NP - Bom, eu tenho uma opinião sobre a farmacopéia. Eu acho que enquanto a farmacopéia ficar sendo de responsabilidade do Ministério da Saúde não haverá farmacopéia da maneira que deve haver, não haverá. Porque, por exemplo, agora caiu o ministro, o outro ministro é técnico, a idéia é botar um ministro técnico. Será que esse ministro técnico sabe a importância de uma farmacopéia? Acho que não. Entre as prioridades dele nunca estará a farmacopéia, nunca estará a farmacopéia, dificilmente estará a farmacopéia. De forma que, a comissão de farmacopéia vai parar, vai cruzar os braços. Agora que está sendo impressa a segunda parte da farmacopéia, se já saiu a verba, vai ser impressa, agora, e a terceira e quarta parte? Então isso aí é um problema. Eu acho que devia haver uma instituição como é nos Estados Unidos.

Quem é que faz a farmacopéia nos Estados Unidos e ela sai de 5 em 5 anos? É uma comissão ligada a Associação de farmacêuticos dos Estados Unidos. Associação de farmacêuticos dos Estados Unidos tem um grupo que faz a farmacopéia e submete, naturalmente, às autoridades se pode imprimir ou não pode imprimir. Então eu acho que isso devia ser feito aqui no Brasil. Você vai dizer: “puxa! Mas será que no Conselho Federal de Farmácia tem gente competente?” Aí iria ser obrigado a ter! Ia ser...se não tivesse, o Conselho Federal de Farmácia tem dinheiro, em vez de gastar com besteira, gastar pagando uma comissão para trabalhar para fazer farmacopéia, porque o problema todo, a primeira parte da farmacopéia, os pesquisadores fizeram. Pagaram do bolso as passagens de avião para se reunirem em Brasília. Brasília é uma cidade difícil para reunir gente, é bom porque o pessoal que vai para Brasília trabalha, não tem como passear, trabalha. Eu por exemplo, só vou a Brasília se tiver que voltar no outro dia, se tiver que voltar no outro dia tá bom, mas ficar mais de dois dias eu não fico. O professor lá de Curitiba, por exemplo, ele pagou dinheiro do bolso dele para fazer essa viagem porque a verba do Ministério não saiu. Então, tinha reunião, o pessoal para se reunir tinha... Então eu acho que enquanto a farmacopéia ficar... lógico e evidente, e depois, apronta a farmacopéia e entrega a uma comissão de 3 pessoas no Ministério da Saúde que vai opinar se vai sair ou não vai. Com a farmacopéia do Rodolfo Albino foi assim; ele fez sozinho, agora houve uma comissão que escangalhou a farmacopéia do Rodolfo Albino. A farmacopéia do Rodolfo Albino, as plantas iam ser ilustradas na farmacopéia, alguém achou que aquilo ia ficar muito caro e publicou só em monografia. Se fizesse isso, seria um avanço muito grande, que o Rodolfo Albino fez os desenhos das drogas. Então seria uma farmacopéia muito útil, você tinha a droga, a descrição da droga e o... Por exemplo, a ipeca, ninguém ia comprar isso como ipeca, a raiz de ipeca tem uma característica que você vendo na fotografia “ah, isso aqui não é ipeca”. Isso não foi feito, achou que ia ser caro. Isso aí, eu fico assim... porque a farmacopéia...a quarta edição da farmacopéia francesa era ilustrada, tanto que você não encontra, é tão útil, tão útil que você não consegue encontrar. Você não encontra no sebo a quarta edição da farmacopéia francesa, não encontra, porque ela era ilustrada.

TF - Me diga o seguinte professor, (inaudível). Eu queria falar um pouquinho sobre a Paraíba, sobre o trabalho que o senhor fez na Paraíba, que o senhor citou...com um grupo, eu queria que o senhor falasse um pouquinho...

NP - Na verdade, o antigo...

TF - É ligado à Universidade?

NP - A Faculdade de Farmácia... tudo gira em torno da Faculdade de Farmácia. Lógico que existe centros...

TF - Federal...

NP - A Faculdade de Farmácia é Federal, Universidade Federal da Paraíba, e lá tem... é aquele problema, a Faculdade de Farmácia tem a seção de produção de medicamentos que vende, então tem dinheiro.

TF - Ela mesma patrocina as pesquisas.

NP - Ela não precisa... lógico e evidente, o Tomas tem bolsa e o (inaudível) tem bolsa...

TF - Tomas o quê?

NP - Professor Tomas é um indiano que gostou tanto do Brasil que ele não sai mais, não sai mais. Tem cara de indiano, é altamente simpático, eu gosto muito do Tomas. Ele é um fitoquímico muito bom e acho que é ele que está agora orientando, porque aquele antigo diretor da faculdade, agora ele foi para o Tocantins, se aposentou e está tentando fazer alguma coisa parecida em Tocantins. Então esse negócio existe...

TF - Tem outros...(inaudível) no Ceará, como é que é?

NP - Eles têm, lógico e evidente, em virtude da capacidade que eles têm, eles têm equipamentos para fazer... é um mini NPPN que tem um pessoal competente, o professor... Esse negócio de nome para mim... por isso que eu não gostava de História do Brasil, que tinha que botar nomes e datas, o fato a gente sabe, agora o dono do fato e a data, então a minha cola era assim, Fulano, Beltrano, Sicrano. O antigo professor da Faculdade de Farmácia, ele se aposentou e ele que deu a vida, investiu na formação de pessoal. O pessoal, ele mandava para a Suíça, para a Alemanha, para isso, então eles vieram todos com pós-graduação. As pessoas que ele importou, nem todas foram boas; o Tomas não, o Tomas acho que é excepcional, mas parece que tem um coreano lá que, até hoje ele não consegue falar em português, então está difícil...

TF - O Tomas fala bem o português?

NP - Fala, o Tomas fala e escreve. Ele é bom, ele tem um bom conhecimento também de farmacologia...

TF - Tem muito tempo esse grupo?

NP - Tem mais de 20 anos, mais de 20 anos que eles funcionam.

TF - Ele originou-se de onde? Esse grupo se originou de onde? Como é que ele nasceu?

NP - Se originou dentro da Faculdade de Farmácia, que foi ampliando, ampliando, ampliando... Delby, saiu! Custou a sair.

TF - Delby...

NP - O professor Delby, ele foi o criador da pesquisa na Faculdade de Farmácia na Paraíba, ele foi importante e se aposentou, se aborreceu, problema do... ele não teve...

TF - O Delby é o que foi para Tocantins?

NP - É. O problema todo... Eu, por exemplo, como chefe do departamento, não consegue me expulsar do departamento, porque eu mando nele, então eu continuo aposentado aqui, embora

os colegas aqui... “Oh, o professor Nuno não foi aposentado? O que ele está fazendo aí?” Eles implicam, “o quê que ele está fazendo aí”.

TF - Então o professor Delby foi quem começou a criar esse grupo?

NP - É, tudo se deve ao Delby. Ele teve um relacionamento de amizade com o antigo diretor do CNPq e esse antigo diretor do CNPq deu um apoio muito grande a ele, ele conseguiu mandar jovens fazerem pós-graduação fora e essa turma agora está toda lá com capacidade muito grande de trabalhar e, lógico e evidente, em virtude de ser um local que trabalha, eles conseguiram coisas que dificilmente as pessoas conseguem, eles tem uma ressonância nuclear magnética, tem todos os equipamentos que são precisos para fazer pesquisa eles tem lá. Então... não é o modelo mais novo, mas tem.

TF - O professor Delby foi para Tocantins tentar montar outro trabalho de laboratório?

NP - Lá o governador de Tocantins parece que é amigo dele, convidou para ele fazer alguma coisa parecida em Tocantins. Eu acho, coitado, que ele vai dar com os “burros n’água”, porque na Paraíba ele teve muita facilidade, que 3 horas de carro você está em Recife, então você não precisa nem... na época que Tomas foi lá não tinha nem vôo de avião.

TF - Três não, uma hora e meia.

NP - Hora e meia. Até passei interessante... uma vez eu passei... “ih, eu tenho ações dessa companhia...” passei na estrada, tinha uma companhia lá que eu comprei ações, como muitas ações que eu comprei para estimular no Nordeste, a fábrica nem existe “não, aquela não, aquela está lá”. Então o Delby foi para lá, lógico, ele tentando fazer alguma coisa parecida. Eu vou torcer para que ele consiga, mas ele deixou...

TF - Ele foi a esse congresso em Florianópolis?

NP - Não, não. Mas acho que foi o único que eu não vi o Delby foi esse, porque nos outros todos ele foi, é um entusiasta e é aquele indivíduo que, tipo... mal comparando, tipo Oswaldo Cruz, se cerca de pessoas competentes e bota as pessoas para trabalhar. Se você for procurar ver o que Oswaldo Cruz fez, você não encontra muita coisa não, mas o que o Instituto Oswaldo Cruz fez no tempo do Oswaldo Cruz foi de tal maneira que foi difícil parar, teve que continuar. O papel importante de Oswaldo Cruz é que ele passava pelo laboratório: “que é isso aí? Não tem nome?” pum, jogava... o pessoal tinha que trabalhar direitinho, tudo que tinha que ficar em cima da bancada tinha que ter nome, então o pessoal começou a trabalhar e, lógico e evidente, ele começou a contratar pessoas que tinha conhecido na Europa, que eram competentes e foram para Manguinhos, que deu a formação, a parte parasitológica que era mais importante na época, que a farmacologia foi criada muito tempo depois, com o professor Miguel Osório, turma do professor Miguel Osório é que começou a fazer farmacologia. Então, o Delby foi importante e agora o departamento existe, o pessoal existe, a parte de Botânica é muito boa, então acho que foi importante, o Delby foi importante.

TF -Diga assim professor, em Pernambuco tem um Instituto de...

NP - Antibióticos.

TF - Isso, Instituto de Antibióticos. Como é que o senhor vê o trabalho de lá?

NP - Olha, o Instituto de Antibióticos, o antigo criador do Instituto, professor... daqui a pouco sai esse professor, que foi o criador do Instituto, ele não tinha o mesmo trato que o Delby, acho que o Delby não tinha inimigos, esse professor que criou o Instituto de Antibióticos é muito competente, “aquele troço todo”, mas o pessoal não gostava dele. Não gostava, basta não gostar, não gostar e trabalhar está bom, mas não gostar não trabalha... Ele fez uma coisa parecida com que o Delby fez, ele mandou muita gente, ele tinha mais ligações com a Itália, então o pessoal fez pós-graduação na Itália e depois foi trabalhar lá com antibióticos. Então, atualmente ele tem muitos recursos, muitos trabalhos e, lógico e evidente, mas ele parece que existe dificuldade de fixar a pessoa lá. Eu digo isso por quê? Porque eu tenho um ex-aluno, Ivan Pitta, até preciso telefonar para ele para saber se é irmão do futuro prefeito (risos) é a cara do Ivan e é Pitta, é impossível que não seja pelo menos primo, se não for irmão, e depois o Pitta de lá estudou aqui no Rio, então... O Ivan Pitta, ele foi fazer pós-graduação na França, “aquele troço todo”, e veio, já esteve no Instituto de Antibióticos, agora ele está no departamento de Química Orgânica. Pode ser até que, o que o Instituto de Antibiótico fazia era um pouquinho diferente do que ele faz, ele faz mais a parte de síntese, então pode ser por causa disso. Então eu não sei se ele se aborreceu, mas eu o visitei lá no Instituto de Antibiótico. Então lá o pessoal, eu acho que tem muita capacidade, o problema todo é que você identifica o antibiótico, “aquele troço todo...” Como vai usá-lo? O (inaudível) teve muita sorte, até hoje ninguém conseguiu morrer com doses de penicilina; a penicilina, você para matar o rato você tem que pegar um quilo de penicilina para botar em cima do rato, pum! Aí o rato morre, porque se você...

TF - Pelo peso.

NP - Pelo peso. Não tem, não há... eu conheço um amigo que morreu, alergia, alergia a penicilina, nem é a penicilina, produtos metabólicos da penicilina é que são alergizantes e matam, mas a penicilina... você não conhece a chamada DL-50 da penicilina, não tem, já a estreptomicina não, produz lesão ocular, você fica surda, você fica curada da tuberculose, curada da tuberculose surda, mas pelo menos está vivo. Mas a penicilina a gente não conhece nenhum efeito assim... Lógico e evidente, houve o abuso e tem o problema da sempre resistência da penicilina, mas não se conhece efeitos tóxicos da penicilina. Tem os novos derivados, possibilitou os novos derivados, primeiro... eu cheguei a assistir a penicilina feita no Instituto Oswaldo Cruz, aquele soluçozinha amarelo-pardo, “aquele troço todo”, aquele “troço” que tinha que botar no gelo com todo cuidado... e hoje a penicilina, agora as formas orais são derivados da penicilina, pegam o ácido penicilóico, grudam na molécula uma outra coisa e dá os derivados do ácido penicilóico que permite você ter vários tipos de penicilina, vários tipos de aplicação... lógico, a aplicação básica fica. Isso aí está servindo até para os outros, os outros antibióticos que estão saindo, primeira geração, segunda geração, terceira geração, quarta geração, a mesma coisa que aconteceu com a penicilina está acontecendo também com esses outros antibióticos que estão aparecendo. E tem o segundo antibiótico que eu acho importante, que foi a cloramitina. A cloramitina é um antibiótico muito importante e, como ele tinha um raro efeito de produzir anemia apática, então ele teve restrições. Hoje você só usa a cloramitina em casos especiais por causa dos efeitos

colaterais. Eu sou fã da penicilina, da cloramitina, porque eu tive febre tifóide quando eu tinha 12 anos, fiquei 40 dias de cama tomando caldo de galinha e sobrevivi, não por causa dos remédios que eu tomei, simplesmente... não vou nem botar a culpa no caldo de galinha; aí passados os tempos, com 48, 50 anos, eu tive novamente febre tifóide e só durou 3 dias, eu nem fiz a prova, para ter certeza... uma vizinhança... Eu morava no bairro aqui, subúrbio carioca, como a vizinhança estava com febre tifóide, eu nem fiz tirada de amostra de sangue para ver se era febre tifóide, estava com todos os sintomas mesmo, tomei cloramitina, comecei a tomar cloramitina, dois dias depois estava dando aula outra vez. Fiquei bom em 72 horas, digamos. Então acho que é um antibiótico importantíssimo. Se ele estivesse...bloqueasse mesmo a imunidade seria o antibiótico próprio para ser dado a pacientes de transplantes, porque o problema do paciente transplantado é a rejeição imunológica. A cloramitina seria para evitar a infecção e servia para impedir a rejeição. Lógico e evidente, agora tem outras drogas que são usadas, mas eu acho que a cloramitina deveria ter uma estátua porque... Eu acho, por exemplo, na minha opinião, se a cloramitina não tivesse sido descoberta na época que ela foi descoberta, teria morrido mais gente no pós-guerra de febre tifóide do que morreram devido a bala. Eu acho que mais gente podia ter morrido, na guerra propriamente dita, com febre tifóide do que (risos)... felizmente a cloramitina já existia e evitou muita coisa. Se você quiser que eu fale, afinal de contas 60 anos trabalhando, tem muita coisa para falar.

TF - O senhor que sabe...

NP - Não, acho que agora...

TF- Se o senhor tem mais alguma coisa que o senhor...

NP- É... interessante, né? Porque afinal de contas, nós começamos a conversa por causa do Instituto Oswaldo Cruz. Então é bom que se saiba que o Instituto Oswaldo Cruz, muita gente não sabe disso, foi uma Instituição pioneira em Saúde Pública no Brasil, ela foi pioneira. Tem muita gente que não sabe que tem aquele horto atrás do laboratório do vírus, onde tem plantas que foram levadas para lá na época que se achava que a chalmogra iria ser bom para lepra. E era bom para lepra, não vou dizer que não era. Então, tem lá a dinocarpus plantado e o pessoal que foi fazer levantamento... “pô, o quê que esta planta asiática está fazendo aqui?” Foi levada para lá. Então achava... aquele laboratório que tem atrás do prédio principal, o nome dele era laboratório Quinino. Por que ele era laboratório Quinino? Porque tentou se resolver o problema de suprimento de quinino para a malária; até hoje o quinino é importante para a malária. Ficou o nome, laboratório Quinino, está lá. Então quase tudo que foi feito, a gente vê que o Instituto Oswaldo Cruz esteve dentro da jogada, ele foi importante. Então eu acho que ele foi um marco e, lógico e evidente, naquela época eu era auxiliar de laboratório, então convivia com o Aragão, convivia com aquelas feras da pesquisa, uns malcriados, outros muito bem quistos, professor Miguel Osório... não sei se eu já contei essa missão, a gente estava trabalhando, o professor Miguel Osório chegava lá “menino, o que você está fazendo?” “Eu estou fazendo aqui (inaudível) para ver a atividade, o que o senhor acha?” “Pergunta a rã”. (risos) A gente estava fazendo cálculos lá... para conversar assim, para desanuviar um pouco, e a gente queria encher a cabeça dele: “professor o que o senhor acha?” “Pergunta a rã” (risos) Porque na verdade ele estava fazendo outra coisa, como é que ele ia dar opinião sobre uma coisa que eu estava fazendo... O Moussatché sabia para quê que eu estava fazendo aquilo, se

ia dar certo... aliás, eu acho que o importante no Moussatché é que ele fingia que não sabia nada, isso eu acho importante, ele: “não, você faz, vamos ver o quê que dá”. Ele já sabia o que ia dar. “Ih, não deu!” Ele já sabia porque não tinha dado, mas você tinha aprendido, porque a pior coisa em pesquisa, a primeira experiência dá certo. Quando a primeira experiência dá certo, você não faz a segunda. Então, é bom sempre repetir, isso eu aprendi com o Moussatché: “vamos repetir” “Ah, mas eu...” “Vamos repetir”. Então isso é importante, porque às vezes dá certo por uma falha qualquer, o animal resolve ser bonzinho, quando ele não dá: “seu sem vergonha, por que você não teve convulsão?” (risos) Mas existe...

TF - Professor, vamos... não se... eu...

NP - É, você se tiver mais alguma coisa, assim em especial, você entra em contato comigo e nós batemos outro papo. Dessa vez você traz dois “negócios” desse aí...(risos)